

e n s a

c a r l o s r e i s

i o s o

p u z z l e d e f r o n t e i r a s

b r e a

m a r í a h e s s e

c e g u

b l i m u n d a

e i r a

Editorial

VIVER COMO SERES HUMANOS

Leituras

SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante

ANDREIA BRITES E SARA FIGUEIREDO COSTA

PUZZLE DE FRONTEIRAS

ANDRÉ CUNHA E LAURA ROMERO

MARÍA HESSE

SARA FIGUEIREDO COSTA

LER E OUVIR NO ECRÃ

And the winner is... / Espelho Meu

ANDREIA BRITES

saramaguiana

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA — NOTAS

A VERDADE DOS PRÉMIOS

CARLOS REIS E KATHRYN BISHOP-SANCHEZ

AGENDA

Epígrafe

JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 93 março 2020

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO

Fundação José Saramago

NIPC

508 209 307

SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO

Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoiros, 10

1100-135 Lisboa Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat 10-18h 10 am to 6 pm



EDITORIAL

VIVER COMO SERES HUMANOS

José Saramago nunca aceitou o rótulo de pessimista que alguns lhe colocavam. Dizia que o mundo, sim, é que era péssimo. Em seus romances alertou-nos para o individualismo, a falta de solidariedade e de empatia que reina na sociedade moderna, e lançou perguntas. «O que quero saber, no fundo, é o que é isto de ser-se um ser humano», disse numa entrevista em 1999. E defendeu uma mudança na nossa maneira de agir: «Falo de uma mudança que levasse as pessoas a pensar que isto não é bastante para viver como ser humano. Não pode ser. Se nós nos convertemos em pessoas que só se interessam pelos seus próprios interesses, vamos converter-nos em feras contra feras. E aliás é isto o que está a acontecer.»

O que está a acontecer, hoje, é uma pandemia que coloca a todos nós em alerta e em prova. E que exige que nós, seres humanos, recuperemos sentidos básicos da vida em comunidade como a solidariedade, a empatia e a responsabilidade ética. Não sabemos como e quando essa situação excepcional que paralisa e amedronta o mundo terminará, mas é possível prever que não sairemos dela da mesma forma como entrámos. Não apenas no aspecto de vidas que já foram e inevitavelmente serão perdidas e no previsível e, de certo modo, já sentido abalo económico que representará mundialmente. O que está à prova nestes momentos é a nossa capacidade de, como sociedade, encontrarmos maneiras de ajudarmos

mutuamente a enfrentar essa adversidade. E de num futuro próximo, quando a situação voltar a patamares de certa normalidade, repensarmos as formas de vida que temos como modelo.

Na entrevista acima citada, José Saramago diz que «a literatura não muda o mundo». Infelizmente, nem o melhor dos textos é capaz de travar uma pandemia ou parar uma guerra. Mas a literatura é capaz de mostrar o que de pior e de melhor há nos seres humanos. E muitas vezes serve, também, como possibilidade para olharmos melhor a realidade e prevermos o futuro. «A literatura é um relógio adiantado», dizia Franz Kafka.

O poeta brasileiro Mario Quintana certa vez afirmou que: «Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros mudam as pessoas». Se os livros mudam as pessoas e estamos num momento da história em que uma mudança se faz necessária, talvez os livros sejam uma boa ferramenta para ajudar-nos a dar início a esse processo. Na China, durante a quarentena forçada por causa do Covid-19, os itens mais pedidos por internet para serem entregues em casa foram: jogos de vídeo, tapetes de ioga e livros. Na Itália, onde a epidemia do vírus foi especialmente grave, dois romances voltaram a figurar entre os livros mais comprados pelos italianos: *A Peste*, de Albert Camus, e *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago.

Nestes dias de encerramento forçado, voltar aos livros, permitir que eles nos façam refletir sobre a nossa sociedade, o que esperamos dela e o que fazemos para que ela seja como desejamos.

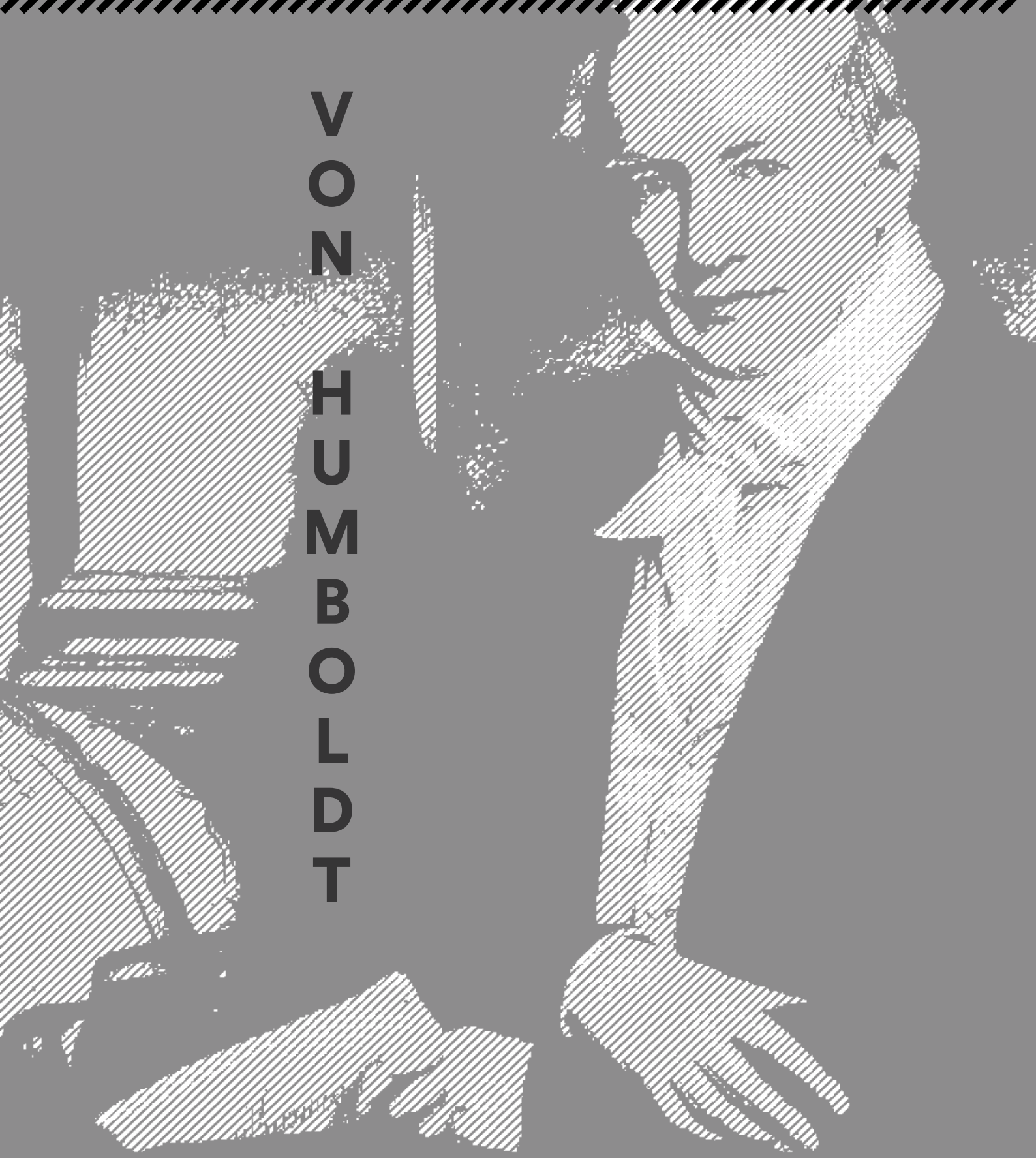
SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS



V
O
N

H
U
M
B
O
L
D
T



Von Humboldt e o mundo conhecido

O homem é um mamífero vertebrado a mais, parente distante das vacas e dos ratos, primo-irmão dos gorilas, dos chimpanzés e de todos os primatas.

Num artigo publicado na revista brasileira *Quatro Cinco Um*, o escritor colombiano Héctor Abad Faciolince escreve sobre o naturalista alemão Alexander von Humboldt e sobre o seu imenso contributo para o conhecimento da vida na terra, mas também para o reconhecimento do nosso lugar nesse imenso ecossistema: «A revolução cultural mais profunda do século 19 foi o golpe no orgulho humano que a teoria da evolução de Darwin nos desferiu: o homem não é um caso à parte na cadeia da vida nem o centro da criação, mas sim um mamífero vertebrado a mais, parente distante das vacas e dos ratos, primo-irmão dos gorilas, dos chimpanzés e de todos os primatas. Mas o pensamento de Darwin, por sua vez, não é outra coisa que o desenvolvimento do olhar e das observações de outro grande naturalista, Alexander von Humboldt (1769-1859), que o precedeu nos mesmos territórios, e quem guiou os passos do inglês durante a viagem do Beagle

pela América do Sul. Um dos livros que ele levou consigo em sua expedição de cinco anos foi *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent* [Viagem às regiões equinociais do novo continente] (1799-1804), de Humboldt.» A propósito da exposição *La naturaleza de las cosas*, comissariada por Halim Badawi, que esteve patente há um ano no Museu de Arte da Universidade Nacional de Bogotá, Faciolince percorre o trabalho de Humboldt e regista, maravilhado, o tanto que aprendemos, e, horrorizado, o tanto que parecemos não querer apreender. ►



Homenagem a Ernesto Cardenal

La utopía: la pensaba, la soñaba, la vivía, colaboraba en su construcción, empujaba su llegada, pero no ingenuamente, sino poniendo manos a la obra.

No jornal espanhol *El País*, Juan José Tamayo traça um retrato do poeta nicaraguense recentemente falecido, percorrendo-lhe a obra e cruzando-a com os caminhos, as demandas e as escolhas que definiram a sua vida. «Era poeta, sin duda uno de los más reconocidos del siglo XX, y sabía lo que era la inspiración. Alcanzó la cumbre literaria

con *Cántico cósmico* (Trotta, 1992), considerada por muchos especialistas la obra poética de mayor impacto en América Latina junto con *Cantos de Vida y Esperanza*, de su compatriota Rubén Darío, con quien muchas veces se le ha equiparado, y *Cántico General*, de Pablo Neruda. El lenguaje es la casa del ser humano, decía Heidegger. La poesía era el hogar donde habitaba Ernesto Cardenal.» Mais adiante, resume assim o modo de Ernesto Cardenal se relacionar com o mundo: «No fue amigo de grandes discursos sobre la utopía: la pensaba, la soñaba, la vivía, colaboraba en su construcción, empujaba su llegada, pero no ingenuamente, sino poniendo manos a la obra. A sus 95 años y con una salud delicada Ernesto Cardenal siguió caminando en esa dirección, sin prisa, pero sin pausa, con su barba de profeta de la esperanza intentando que, si la historia tuviera un final, no fuera fatal, sino feliz, y si no lo tuviere, que la Humanidad caminara por la senda de la fraternidad-sororidad.» ▶

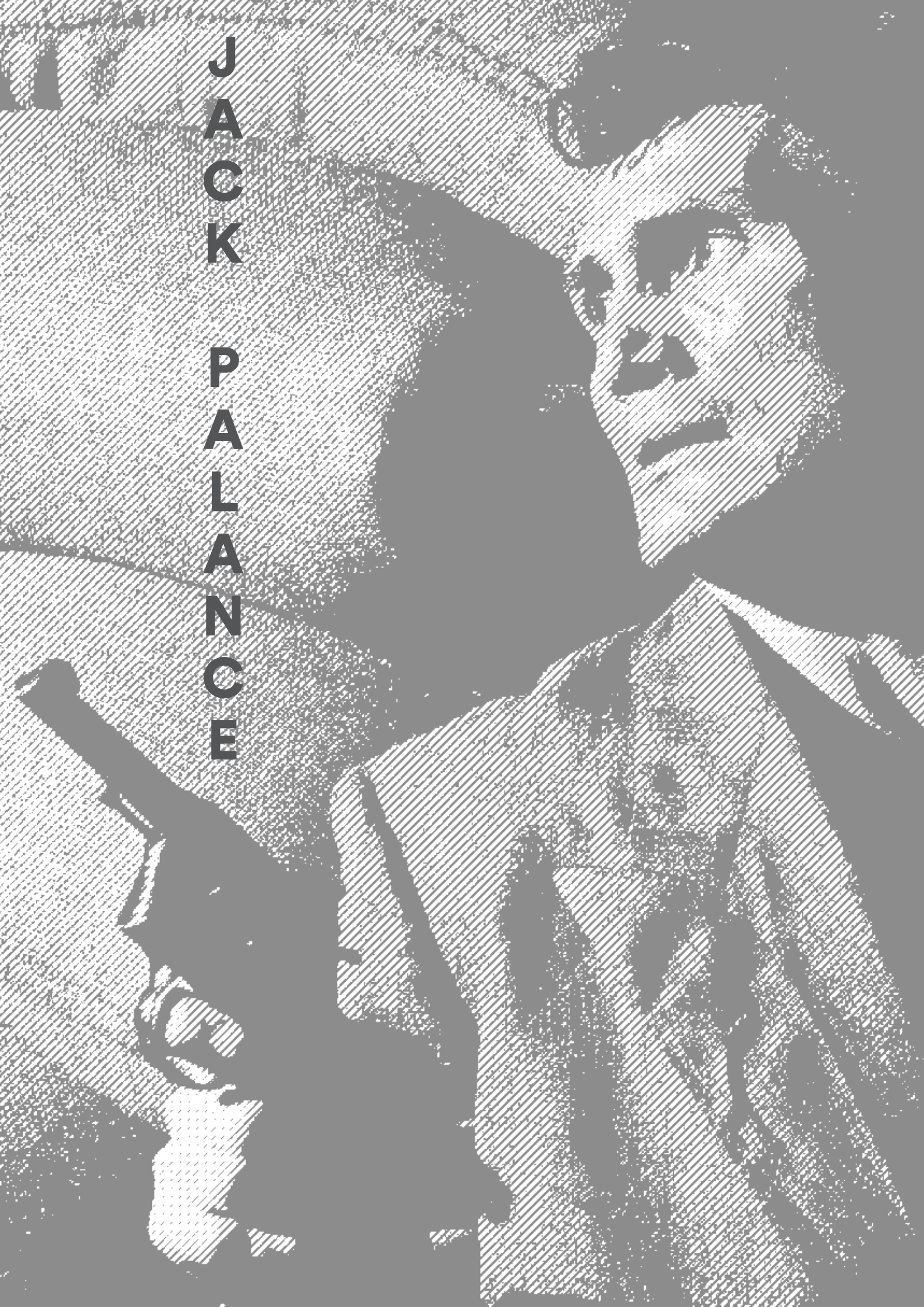


Contra a pandemia, livros

Y no olviden el whisky de la botella cuadrada (estoy harto de hacerle publicidad), cuyo titular lleva más de 100 años caminando sin parar y sabe mucho de pandemias.

**J
A
C
K

P
A
L
A
N
C
E**



Pestes, pragas, epidemias, contágio e medo, muito medo. A crónica de Manuel Rodríguez Rivero, numa das últimas edições do suplemento *Babelia*, do diário espanhol *El País*, percorre a literatura de diferentes épocas, sugerindo leituras e alguns filmes. Com boa parte do mundo em isolamento social, em quarentena ou em luta diária para assegurar um posto de trabalho que obriga a sair de casa e a enfrentar os perigos do contágio pelo COVID-19, o vírus que desde o início deste ano vem alterando as rotinas gerais em todas as geografias, o cronista escolhe livros que apaziguam, outros que assustam, outros ainda que fazem reflectir sobre a natureza humana e os seus modos de enfrentar inimigos invisíveis e invasivos. «A lo mejor este Sillón sobre las enfermedades contagiosas también tiene la función subliminal de conjurar mis propias aprensiones (vade retro, Coronavirus). No lo excluyo: se lo preguntaré a mi loquero. Revisito mentalmente, en todo caso, algunas películas y novelas sobre el asunto. Entre las primeras, una obra maestra (en la que algunos, por cierto, quisieron ver una metáfora anticomunista en la época del macartismo): *Pánico en las calles* (1950), de Elia Kazan, con Gregory Peck —en un papel mezcla de esforzado detective y prudente Fernando Simón— y un soberbio Jack Palance como peligroso y contaminante paciente cero. Novelas y relatos los hay a montones (la peste siempre atrajo el morbo de los narradores), desde Poe en

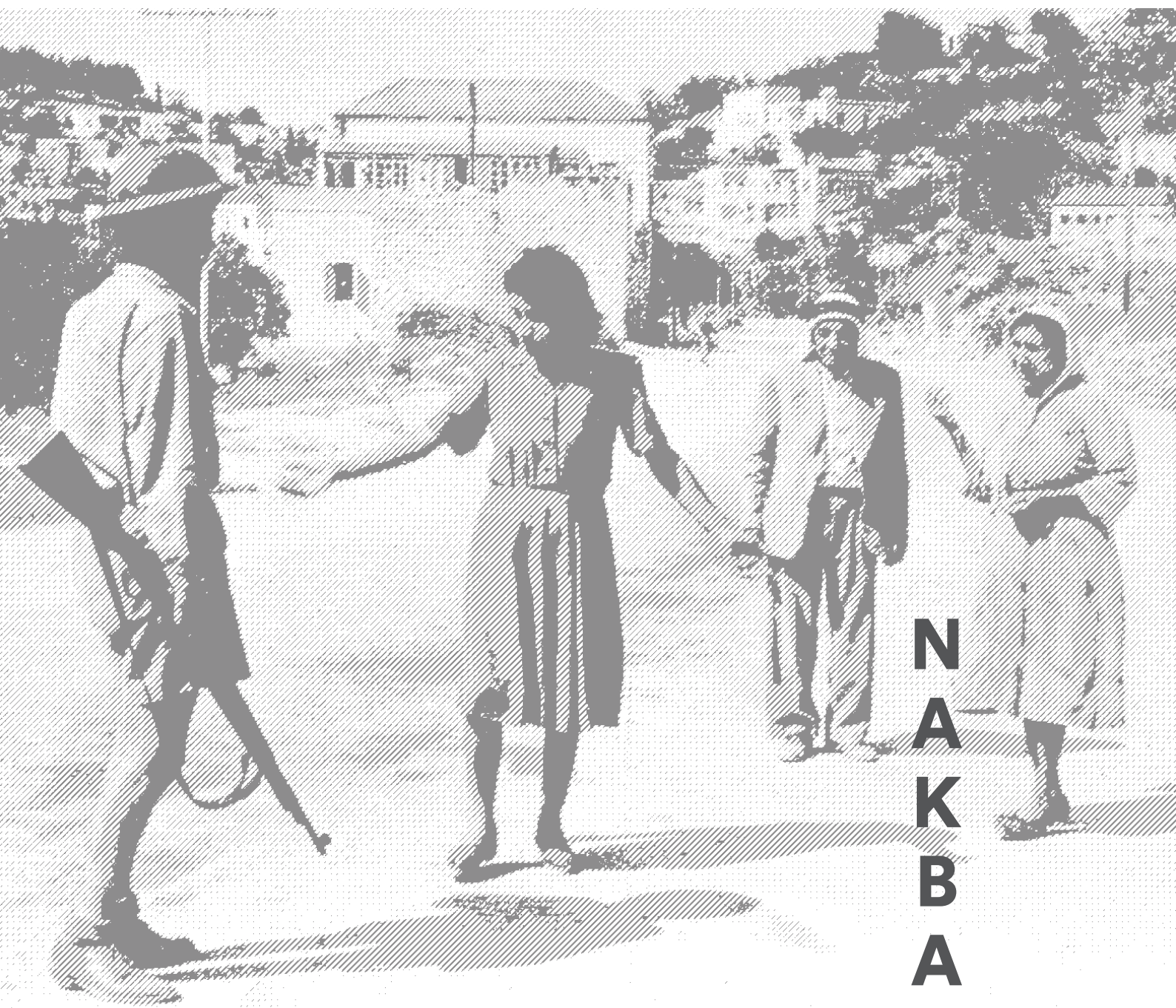
adelante. Recuerdo, además de la novela de Saramago (*Ensayo sobre la ceguera*, Alfaguara), otras quizás menos literarias y metafóricas (no hay peor ciego que el que no ve), como la posapocalíptica (un virus ha acabado con casi toda la humanidad) *Estación Once*, de Emily St. John Mandel (Kailas), y dos novelas de sendos maestros del género: *Los ojos de la oscuridad*, de Dean Koontz (DeBolsillo, entre otras, 1981), en la que un microorganismo de diseño, producido en un laboratorio ¡de Wuhan!, hace estragos en el mundo; y *Apocalipsis* (DeBolsillo, 1978; titulada en Hispanoamérica *La danza de la muerte*), de Stephen King, una de las obras capitales del autor, en la que también se refleja un mundo posapocalíptico consecuencia de una mutación provocada y letal del virus de la gripe. Ya tienen para entretenerse en sus encierros forzados y cuando estén hartos del teletrabajo. Y no olviden el whisky de la botella cuadrada (estoy harto de hacerle publicidad), cuyo titular lleva más de 100 años caminando sin parar y sabe mucho de pandemias.» ▶



Filme: livros roubados na Palestina

The Great Book Robbery, documentário criado pelo realizador israelita Benny Brunner, revela o modo como as autoridades de Israel se apropriaram de várias bibliotecas

árabes durante o período conhecido por Nakba – termo árabe que descreve o exílio e a expropriação palestina após a fundação de Israel, em 1949. O filme está disponível para visionamento integral no site *Zochrot.org*, a partir de um link da televisão Al Jazeera, e é apresentado como a crónica de uma destruição cultural, a história de como cerca de 70.000 livros palestinos foram roubados, e muitos deles posteriormente destruídos, arrasando-se sem pudor parte da história colectiva de uma comunidade. ►





SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

Stuart n'A Batalha

REND A BARATA E OUTROS CARTOONS DE STUART CARVALHAIS N'A BATALHA

STUART CARVALHAIS

CHILI COM CARNE/ A BATALHA

As biografias de Stuart Carvalhais referem detalhadamente os muitos jornais e publicações periódicas onde colaborou, da *Ilustração Portuguesa* ao *Sempre Fixe*, passando pelo *ABC* ou pelo *Século Cómico*, esquecendo ou resumindo de modo apressado a sua contribuição regular para o jornal anarquista *A Batalha*, entre 1923 e 1925, e também para o seu suplemento literário. Um livro publicado há poucos meses, com chancela do próprio jornal *A Batalha* e da editora Chili Com Carne, vem corrigir a omissão, reunindo a totalidade dos trabalhos criados pelo cartoonista para esta publicação.

Stuart começa a publicar cartoons n'*A Batalha* em Novembro de 1923, numa altura em que os jornais noticiavam a falsificação de bilhetes do tesouro, uma burla decorrente

RENDA BARATA

E OUTROS CARTOONS DE STUART CARVALHAIS N'A BATALHA



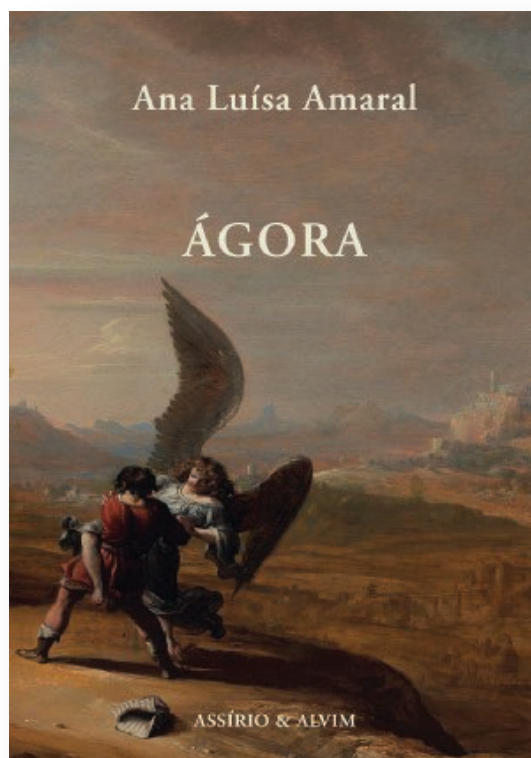
de mais um empréstimo monetário externo feito a Portugal no meio da conturbado situação política que haveria de desembocar no golpe de 1926 (e na longa ditadura que se lhe seguiu). Os primeiros trabalhos referem-se a esse tema, mas rapidamente o autor começa a diversificar a sua abordagem, percorrendo outros temas da actualidade de então, quase sempre cruzados com uma abordagem marcada pelo humanismo, pela denúncia das desigualdades sociais – tantas vezes disfarçadas de moral – e pela atenção às vidas que não chegavam a ser notícia de jornal.

À crise do pão, à deportação de trabalhadores portugueses em protesto para as então colónias africanas ou à corrupção policial juntam-se imagens que tiveram a sua publicação neste período, mas cuja leitura e efeito de denúncia alcançaram a intemporalidade. É o caso dos cartoons que declinam a hipocrisia da época natalícia nas suas várias cambiantes económicas e morais, dos que referem o abuso de certos homens com inegáveis posições sociais de destaque perante meninas e adolescentes que pedem dinheiro nas ruas, dos que alertam para a eterna manutenção do fosso entre ricos e pobres através de uma caridade bem medida. E mesmo entre os que referem situações localizáveis na actualidade destes anos 20 do século passado, conseguimos ler vários ecos do nosso presente comum. Veja-se o cartoon que dá título a esta recolha, uma referência à lei das rendas que se aprovou em 1924 e à especulação imobiliária que deixava sem casa tantas pessoas.



ANDREIA
BRITES
SARA FIGUEIREDO
COSTA

ESTANTE



ÁGORA
ANA LUÍSA AMARAL
ASSÍRIO & ALVIM

O mais recente livro de Ana Luísa Amaral convoca a *Bíblia* e algumas obras de arte universais para um diálogo poético intenso: «Antes ser tudo e livre/ do que bom mas humilde// Assim pensara então// e agira// E o oriente lhe foi destinado:/ terra de mil castigos/ de difíceis colheitas; mais/ suor// Só depois descobriu/ que lá o sol nascia/ e que podia falar das coisas/ todas// Mas com quem?»



SOBRE O AUTORITARISMO BRASILEIRO

LILIA MORITZ SCHWARCZ

OBJECTIVA

Uma das mais conceituadas historiadoras do Brasil contemporâneo percorre a história do país a partir de temas como a desigualdade social, o racismo, a corrupção, a escravatura ou a violência, cruzando passado e presente à luz de uma reflexão que não se encerra na História – e que parece ganhar mais relevância à medida que os dias do presente decorrem.



NARVAL, O UNICÓRNIO DOS MARES!

BEN CLANTON

NUVEM DE LETRAS

É o primeiro livro de uma coleção que promete humor, informação e situações inusitadas, com um narval e a sua amiga alforreca como protagonistas. O texto é parco e alimenta-se exclusivamente de diálogos sustentados por vinhetas que se aproximam de tiras cómicas. Cada livro tem três pequenas histórias e interlúdios informativos sobre a vida marítima. Esta Banda Desenhada infantil mostra com toda a simplicidade a estrutura do género sem desmerecer inferências e figurações.



HISTORIA DE LA IMAGINACIÓN

JUAN ARNAU

ESPASA

Com o subtítulo *Del antiguo Egipto al sueño de la ciencia*, o livro do valenciano Juan Arnau percorre os momentos fundamentais da riqueza mitológica, filosófica e científica ao longo da história documentada da humanidade, privilegiando a presença do pensamento mítico e mágico, uma associação que sempre funcionou em aliança com aquilo a que chamamos imaginação.



A MENINA QUE QUERIA DESENHAR O MUNDO

ADÉLIA CARVALHO

SÉRGIO CONDEÇO

NUVEM DE LETRAS

O álbum começa com um desafio: um risco que não sabe em que direção crescer. Poderia ser uma metáfora para a infância ou a criatividade. Porém, este risco ganha asas, sempre protegido pela menina que o faz nascer. E descobre o mundo. Será então várias coisas: uma metáfora para a curiosidade e a descoberta do outro, uma metáfora para o crescimento e finalmente uma metáfora para a maternidade que protege e liberta. Ainda, será uma poética do mundo que texto e ilustração combinam num tom naïf e muito imagético.

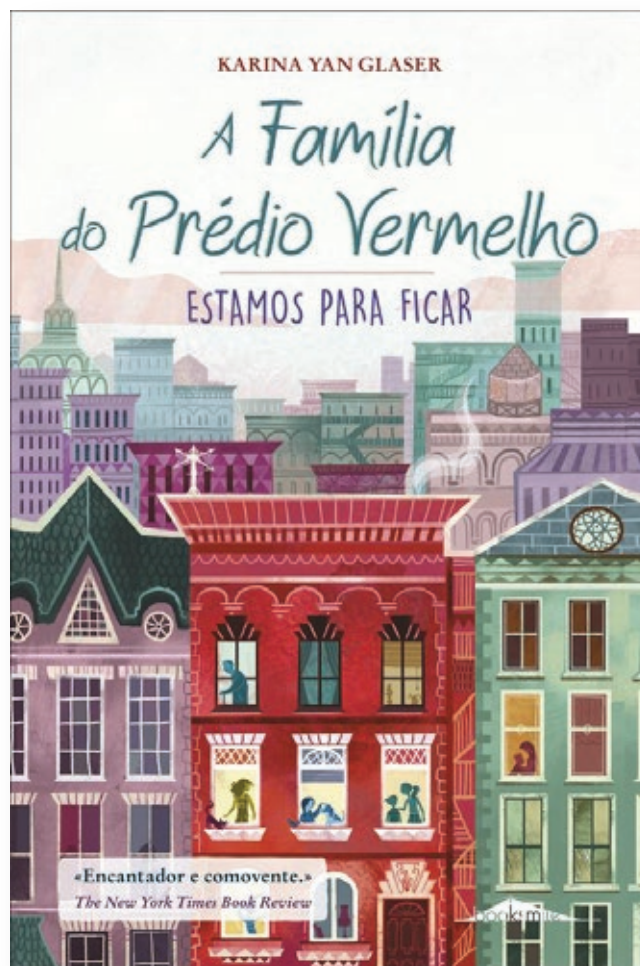


VVAA

PENTÂNGULO 3

AR.CO/ CHILI COM CARNE

Terceiro volume da antologia de trabalhos em banda desenhada feita em parceria pelo Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual e a editora Chili Com Carne. Neste número participam mais de vinte autores, alguns deles estreando-se em trabalhos a solo. O volume inclui ainda um relatório sobre a edição independente e o universo dos fanzines de banda desenhada, ilustração e territórios afins, reportando-se ao ano de 2019, assinado por Marcos Farrajota.

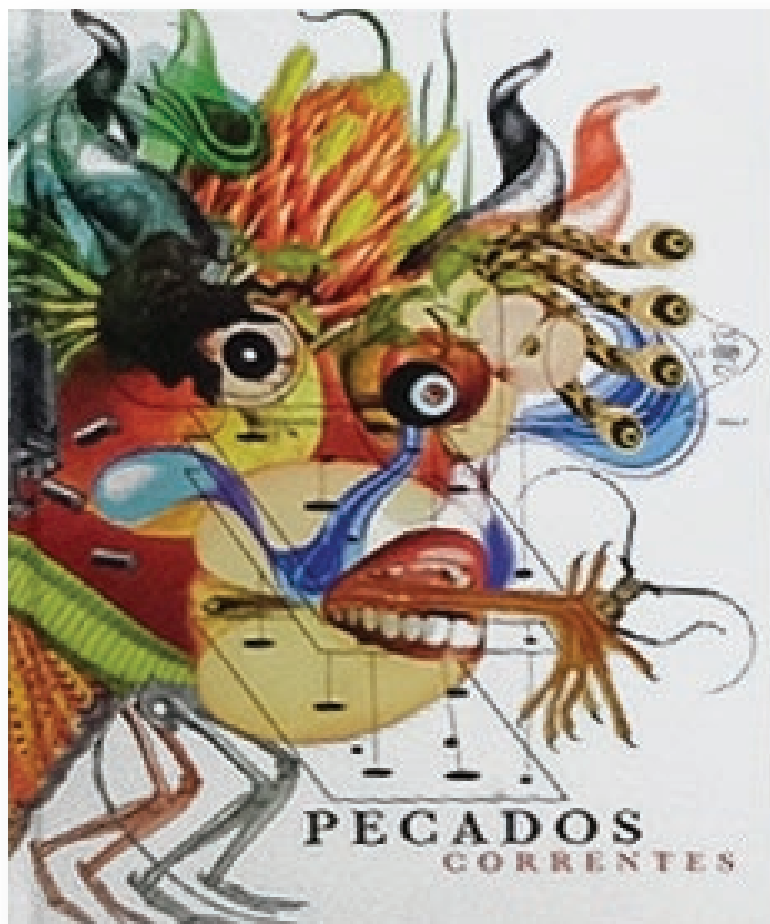


A FAMÍLIA DO PRÉDIO VERMELHO

KARINA YAN GLASER

BOOKSMILE

Em vésperas de natal uma família vê-se obrigada a deixar a sua casa de sempre por ordem de um senhorio misterioso. A mágoa e a revolta apodera-se dos cinco filhos dos casal Vanderbeeker e em conjunto decidem fazer mudar de ideias o insuportável idoso que, para cúmulo, habita no 3.º andar. As oportunidades rapidamente se transformam em pequenos desastres e a personalidade de cada um ganha novos contornos no contexto familiar e social. Levemente moralista e bem humorada, a narrativa trata mais da descoberta do outro do que das aventuras que lhe servem de contexto.



PECADOS CORRENTES

VVAA

CORRENTES D'ESCRITAS/
CM PÓVOA DE VARZIM

Um volume colectivo, editado no âmbito da última edição do festival literário Correntes d'Escritas (Póvoa de Varzim), que junta poesia e ilustração em torno do tema do pecado. Para cada um dos sete pecados capitais definidos pela *Bíblia*, uma mão cheia de escritores e ilustradores apresentam a sua visão daquilo que nos faz tropeçar, escolher, evitar ou abraçar sem empecilhos morais.

Puz-

**André
Cunha**

zle de

firon-

tei-ras

Porque o caminho também se faz escutando, esta é uma viagem sonora pelas linhas que rodeiam a Catalunha; linhas que nos rodeiam a todos, qualquer que seja a “jangada de pedra” em que vivemos.

***Puzzle de fronteiras*, documentário radiofónico realizado em 2018 e 2019, estreado em Portugal na última edição dos Dias do Desassossego (e agora disponível para escuta na *Blimunda*), faz caminho ao longo de algumas das raías e das franjas deste território ibérico, referendando o significado universal de fronteira a partir destes milímetros do mundo, atravessando esta “história do presente”.**



*Nada é mais certo, na linha da frente,
e mais capaz de atravessar muralhas do que o som*
René Farabet

I. Bandeiras. Televisões. Ecrãs do computador ou do telemóvel. Páginas de tantos jornais de Madrid ou de Barcelona. Pareciam erguer-se, tantas vezes, como se fossem muralhas, como novas fronteiras-trincheiras, ao longo da interminável ressaca maniqueísta — ou *nós* ou *eles* — causada pelo referendo à autodeterminação da Catalunha: ilegal para uns, o sonho prometido para outros. E no meio, terra de ninguém ou terra de todos?

Partimos para escutar o que não estávamos a escutar, à procura das diferentes vozes que compõem estas paisagens, deixando a transfronteira mostrar-se, qual caleidoscópio de personagens e paradoxos. Abrimos o mapa, esse corpo onde há sempre linhas designadas como fronteiras, as clássicas. Na dobra onde a Catalunha encaixa com a Comunidade Valenciana, na ponta sul, uma dessas linhas-*termieres* passa por San Rafael del Río, acompanhando o curso do Sénia até desaguar no Mediterrâneo, a poucos quilómetros dali. Não há melhor ponto de partida para este desafio do que uma ponte, essa antítese de fronteira.

— De quem é esta água?

João e Jordi são dois amigos. Um vive na Comunidade Valenciana, o outro na Catalunha. Encontram-se connosco de um dos lados do rio, mas podia ser do outro. Levam-nos à ponte (a)fronteiriça, como é habitual fazerem com quem aqui chega na pele de forasteiro, de estrangeiro. Depois de um repasto no “Galego” — porque a Ibéria cabe toda em qualquer lugar desta viagem — voltamos à estrada ao som da telefonia, que nos há-de sintonizar com Pep. Este veterano sem fios, conhecedor dos meandros da Terra Alta onde nasceu, guia-nos até à Horta de Sant Joan, já em plena “Franja”, Catalunha e Aragão enraizando-se entre olivais e vinhedos seculares.

“Tudo aquilo que eu sei, aprendi-o em Horta”, disse Picasso que aqui viveu duas curtas mas transformadoras temporadas. Relendo estas palavras *in loco*, logo a vista nos voa pelo velho casario, sobre cascatas cruzadas de telhados, imaginando as primeiras linhas sobrepostas do cubismo. E assim se vão justapondo no gravador personagens e outros traços deste áudio-documentário: entram em cena Cinta e Carmen, uma amizade bordada ao longo da vida entre uma mulher das Letras e uma antiga costureira; e Salvador e Mercè, um casal de pintores espalhando nuvens aos sete ventos de Horta.

Episódio 1 ►

“A cada um, o seu sonho”

com fragmentos de Ryszard Kapuscinski, Michael Ignatieff e George Orwell

2. Há sempre futuro no passado e passado no futuro. Os vários territórios que se mestiçam nas faldas de Puent de Montanyana recordam-nos que somos uma peça minúscula da grande manta de retalhos universal, da água às estrelas. Entre tão vastos limites, é com os passos de Dolors, ressuscitando as peugadas dos últimos dinossauros da Europa no chão de Arén, e com o olhar de David, procurando a estrela polar no céu de Montsec, que continuamos ao longo da “Franja”. Caminhamos (como Charlot, diria Eduardo Lourenço na sua Raia) pisando a linha administrativa que marca onde termina Aragão e onde começa a Catalunha, pedra ante pedra.



Corre o ruído dos dias, e mais um rio ao nosso lado — o Noguera Ribagorçana —, quando o microfone andarilho se cruza com Marcos e Inti, um homem e um cão, à boleia pela estrada fora, pelo mundo adentro. São eles que nos levam à próxima paragem, um lugar que bem podia ser a rosa-dos-ventos desta *promenade* sonora. Procuramos Josep, um homem-ponte.

— Onde fica, de facto, o limite? Alguém nos pode levar ao limite?

Episódio 2 ►

“A cada um, o seu *stückwerk*”

com fragmentos de Victor Hugo, Frédéric Neyrat e Hermann Hesse

3. Se o criador do primeiro puzzle há mais de dois séculos e meio, **o cartógrafo John Spilsbury**, desenhasse hoje um mapa-puzzle da Península Ibérica do século XXI, seria muito provável que ele optasse por recortar o Val d’Aran como uma das peças soltas do jogo. É aqui, junto à França occitana, nesta *matrioska* aranesa-catalã-espanhola-ibérica-europeia-mundial, que arranca a metade pirenaica do nosso périplo, este documentário que se fez tão híbrido como o seu próprio tema: um puzzle de jornalismo narrativo, criação sonora, colagens literárias e *quase-ensaio*, como lhe chamou um dos personagens que lhe dá vida. Cada peça mais única do que a próxima que nela se encaixa; cada um “o outro do outro”, como espelhava Saramago.



O criador radiofónico e sonoplasta Yann Paranthoën (1935-2005), um grande cartógrafo do som, definia o seu apaixonado ofício com uma simples expressão numérica; muito simples mesmo, mas não por isso menos mestiça; exactamente por isso, tão mestiça:

$$1 + 1 = 3$$

Se na rádio um mais um é igual a três, então Peir mais Lluís também dá três e só assim se representa a profundidade — essa terceira dimensão — dos instantes partilhados com estes homens que nos guiam pelo amor incondicional aos seus territórios: o arqueólogo-antropólogo Peir, em Arró, uma aldeola do Val d’Arán onde a sua família nasce e renasce na mesma casa há 14 gerações; e o geógrafo Lluís, na ainda mais pequena e isolada Farrera que ele adoptou para viver, nos anos oitenta, quando trocou Barcelona pela região do Pallars Sobirà. A cidade ou as serras, essa outra fronteira.

E Andorra ali tão perto, pirenéus-meias, enquanto contrabandeamos pontos de vista.

— Estamos aqui fazendo rádio rural...

Episódio 3 ►

“A cada um, as suas obsessões”

com fragmentos de George Orwell, Miguel Torga, Ana Hatherly e H. D. Thoreau



4. Toda e qualquer viagem é um puzzle infinito de paisagens e caminhos ao encontro de personagens que nos abrem novas paisagens e nos mostram novos caminhos. A única fronteira da viagem é a pele: o encontro com o outro e com o outro que há em ti. É uma belíssima casualidade, e não apenas uma causalidade sociolinguística que, numa das formas antigas de latim vulgar, *mappa* também significara pele.

Quando começámos a imaginar esta longa-metragem radiofónica *on the road*, cujo final agora se aproxima, havia apenas no esboço de guião um personagem zero e um último personagem. O personagem zero,

omnipresente mas camuflado, era o cartoonista El Roto; ou melhor, era a voz de um dos seus desenhos, uma frase à qual eclipsámos uma palavra. “Fronteira: diz-se do lugar onde termina um/a _____ e começa outro/a”. A procura dos vocábulos que poderiam completar esta indefinição de fronteira constituiu-se numa espécie de bússola informal para os encontros que se foram sucedendo entre o *micro* e a realidade — um jogo de palavras quase ao estilo dos enigmas que o filósofo Walter Benjamin tanto gostava de construir na telefonia, para crianças, nos anos trinta do século passado. Ele mesmo, Benjamin, último personagem desta e de tanta história, espera-nos em Portbou, sua última passagem e derradeiro ponto geográfico das linhas que rodeiam o território oficial da Catalunha.

Para lá chegarmos, e se seguirmos com o indicador a fronteira formal da cartografia ibérica do presente, há um momento em que o dedo tem de dar um salto para fora da “jangada de pedra”. Isso acontece quando se avista, ancorado no planalto da Alta Cerdanha, o enclave de Llivia, uma pequena ilha em terra firme, circundada por solo oficialmente francês. Só não nos perdemos graças a um grupo de vaqueiros que nos devolve o norte; e embalamos depois, com Matthieu e o seu violino, na asa do canto dos pássaros, descendo a *cadena pirenaica* de volta ao mesmo Mediterrâneo onde tudo começara.

À beira-mar, ao leme da sua *Nau Côclea*, Clara está pronta para nos guiar o ouvido — de olhos fechados para a rádio mas a olho nu pela memória — através dos múltiplos sentidos do Caminho Walter Benjamin, passo-a-passo na senda de vários anjos da História. “Faz-se caminho ao andar”, caminhante, mas também ao escutar.

— Próxima personagem: tu.

Episódio 4 ►

“A todo o mundo, a História”

com fragmentos de Gloria Anzaldúa e El Roto (Andrés Rábago)



*Inna
Fria
Thea
See*

*sara
figueiredo
costa*

maría hesse

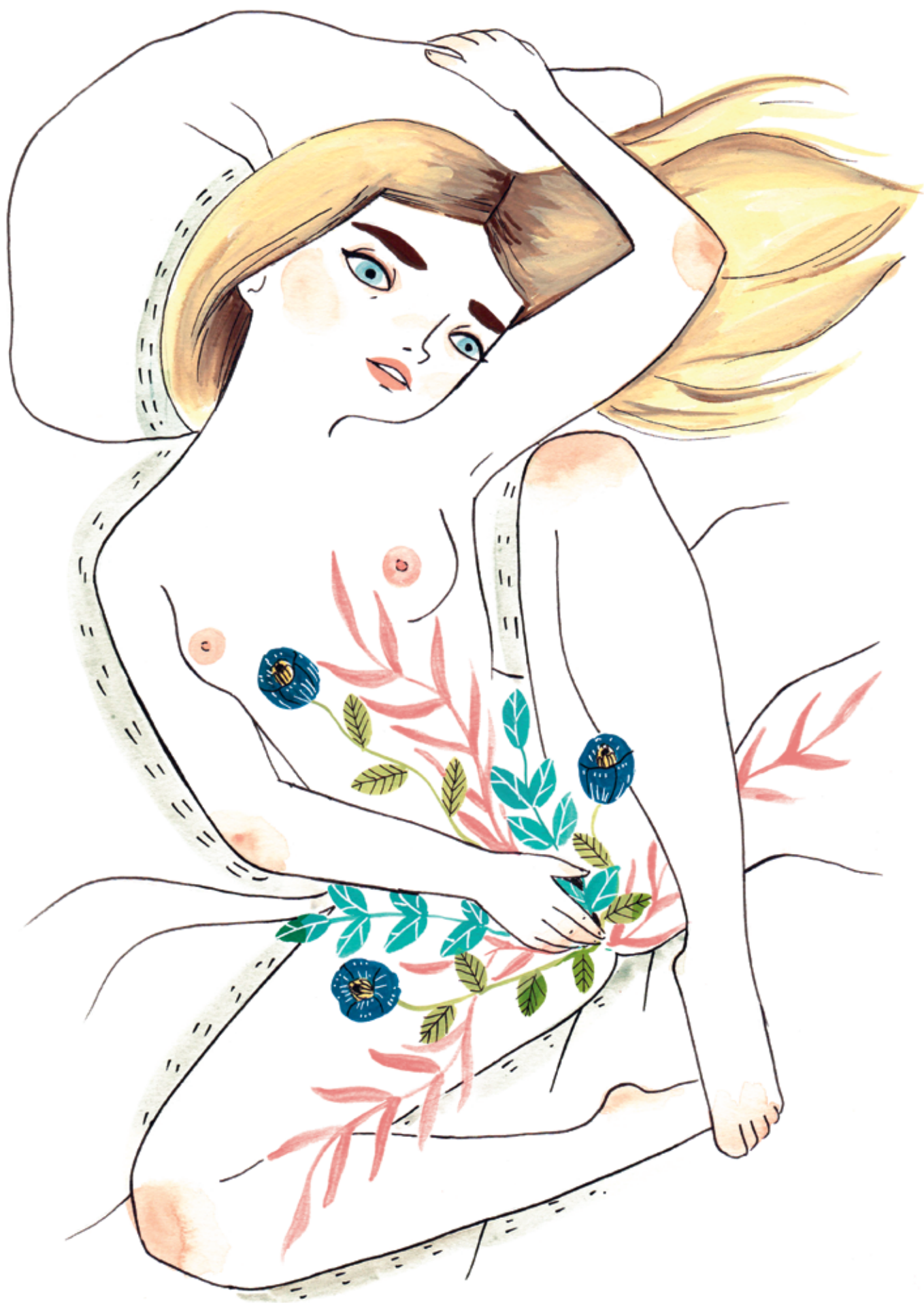
o corpo também é a nossa história

Podia começar com Adão e Eva, cumprindo uma tradição forte, mas esta história começa com Adão e Lilith, acabadinhos de criar por um Deus onnipotente, mas pouco dado ao conhecimento do corpo. Farta da monotonia sexual proporcionada por Adão, Lilith abandona o paraíso e vai à sua vida, disposta a ser senhora do seu corpo e daquilo que com ele poderá descobrir e fazer. Sucede-lhe Eva, a que nasceu da costela de Adão, e a calma parece pronta a vingar. Até ao momento em que Eva também já acusa uma certa monotonia, talvez não apenas sexual, mas generalizada, e vê na Árvore do Conhecimento um pretexto para viver sem ser como figurante de um paraíso quase solitário – e aborrecido, muito aborrecido. O resto da história já se conhece mas é deste começo que María Hesse, autora espanhola que escreve e ilustra, escolhe partir, percorrendo depois uma série de caminhos que a narrativa dominante insiste em ignorar. *O Prazer* (Suma de Letras) é um livro sobre descobertas, aprendizagens e escolhas feitas quase sempre em contra-corrente. É um livro sobre a história sempre omitida das mulheres e da sua relação com o corpo, os silêncios, as proibições e as supostas impossibilidades. É sobretudo um livro sobre como o corpo não pode ser desligado do resto daquilo

O Prazer

María Hesse





que somos, algo que, no que respeita ao corpo feminino, sempre foi abordagem dominante.

O livro de María Hesse cruza vários tipos de discurso, convocando biografias, mitologia, história, actualidade, tudo atravessado por um explícito discurso na primeira pessoa. Como nos disse a autora, em conversa mediada pela internet, a abordagem a esse discurso autobiográfico foi mudando ao longo do processo: «No início, queria que fosse um livro mais plural, onde diferentes perspectivas fossem vistas: sexo e maternidade, sexo na idade adulta, cisgénero, transexualidade ... Mas, para isso, tive de começar com a minha experiência e ir vendo como estruturá-la. Enquanto fazia isso, li livros de outras mulheres, como Moran ou Despentès, e entendi que a leitura das suas próprias experiências, mesmo que não coincidissem, me fazia sentir muito mais as coisas.» A leitura de outras autoras, também elas trazidas para dentro do livro, permitiu a María Hesse colocar algumas experiências na voz de quem as viveu: «Acho que foi melhor serem elas a contar. Seria estranho falar sobre sexo e maternidade sem ter sido mãe, por exemplo. Ter-me-ia sentido uma intrusa.» Essas outras autoras, mas também artistas, cantoras, personagens ficcionais ou mitológicas surgem em *O Prazer* reclamando um espaço digno para as mulheres, rejeitando o silêncio, a compostura, a ideia do «como deve ser», e para a autora esse surgimento, partilhado por tantas vozes, «é uma



forma de as homenagear. Estamos num momento em que é preciso trazê-las à superfície e esperar que aí permaneçam para sempre. Porque se assim não for, será um retrocesso. Deveríamos estudá-las nas escolas da mesma maneira que estudamos figuras masculinas. Para mim, foram e continuam a ser fundamentais. Lamento tê-las descoberto tão tarde. Sou outra pessoa graças a elas.» E elas são mulheres como Anaïs Nin, Mata Hari, Safo, Cleópatra, Madonna ou Colette. Mas também personagens de *A Guerra dos Tronos* ou da série de animé *A Navegante da Lua*, para além de figuras bíblicas e mitológicas. Escolhê-las foi um processo difícil, confessa a autora, «e muitas foram deixadas de fora. Houve muita pesquisa e conversa com amigos. O trabalho que fiz com a minha editora e outras autoras espanholas, como Luna Miguel ou Carme G. de la Cueva, também foi essencial.»

Uma outra linha fundamental a atravessar este livro é aquela que reflecte sobre o corpo, também de um ponto de vista anatómico, mas sobretudo encarando-o como componente essencial da identidade, da existência plena. A menstruação, o prazer ou as características fisiológicas do corpo feminino foram quase sempre tema proibido no espaço público. Se hoje vão quebrando essa proibição de modo por vezes estrondoso, isso deve-se mais às lutas que, de modos muito diversos, foram sendo travadas do que a um qualquer relaxamento da moral vigente. Lembremos, com a ajuda deste livro, que apesar de

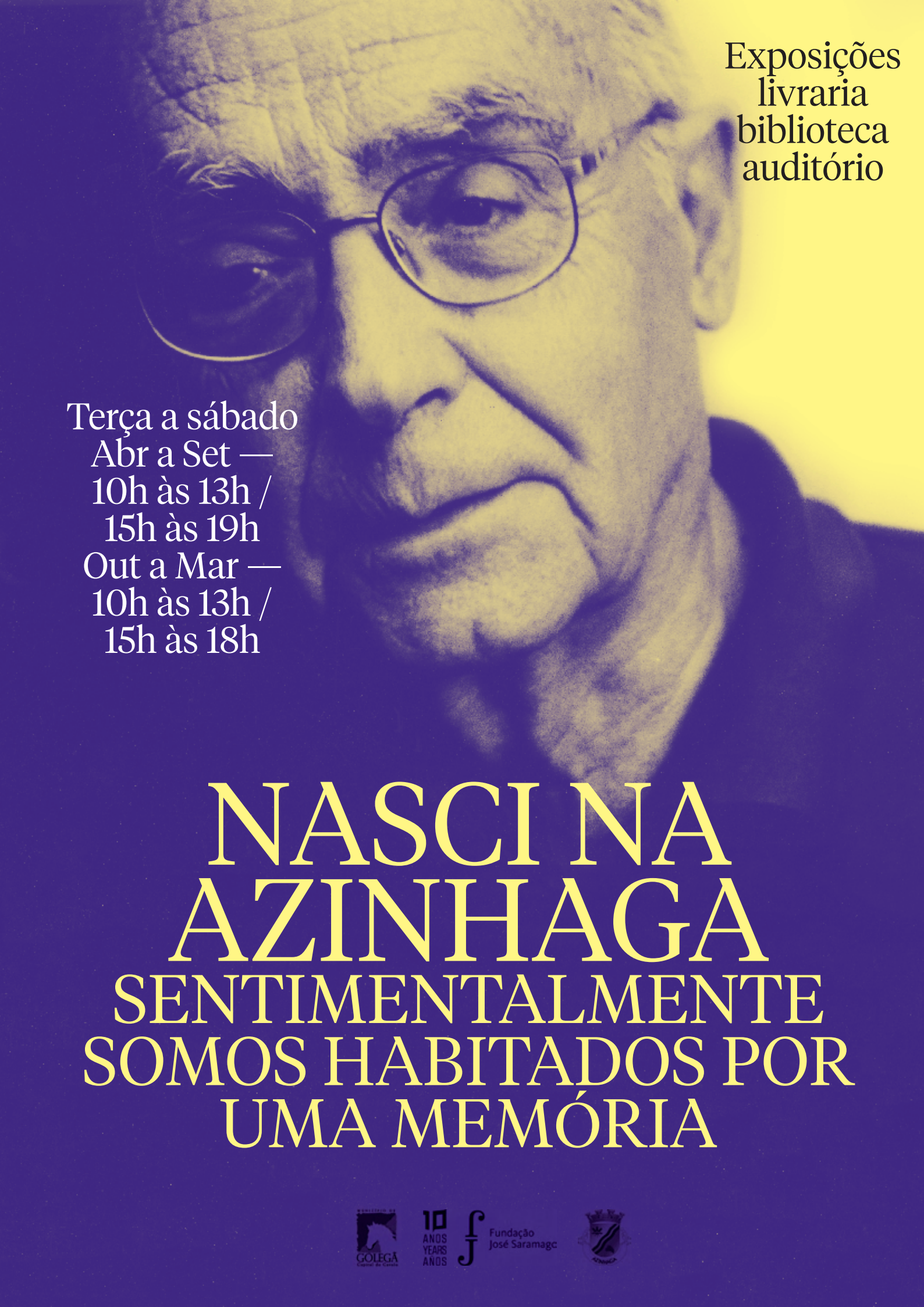


maría hesse

algumas referências vindas do tempo da Grécia clássica, só no século XVI o clítoris é referido explicitamente – e por dois homens, o anatomista Mateo Realdo Colombo e o seu discípulo Gabriel Falopio. Depois dessa primeira referência explícita, foi preciso esperar até 1998 (sim, já no século XX) para que alguém, desta vez uma mulher, a uróloga australiana Helen O'Connell, se dedicasse a estudar a anatomia deste pequeno órgão sem outra função que não o prazer. No livro, María Hesse convoca a anatomia e a fisiologia, plasmadas em imagens onde o rigor científico e a subjectividade se sobrepõem sem atropelos, e com elas vai estruturando uma narrativa

maior que se faz de muitas pequenas narrativas.

Texto e imagem são sempre interdependentes, umas vezes referenciando-se, outras completando sentidos: «Quando escrevo e ilustro, tudo flui de uma maneira muito diferente. Às vezes a imagem vem antes de, e às vezes é a palavra. E uma coisa relaciona-se sempre com a outra. Acho que os dois discursos [verbal e visual] funcionariam separadamente, mas têm muito mais força juntos, comunicando muito mais.» Não é a primeira vez que María Hesse trabalha texto e imagem a solo, mas percebe-se que o trabalho de ilustrar textos alheios nem sempre permite o controle total sobre o discurso e a narrativa que, neste *O Prazer*, são claramente o resultado constante das derivas que a autora vai fazendo neste percurso complexo, heterodoxo e pontuado por múltiplas vozes sobre o prazer feminino. «Estas ilustrações são uma evolução de tudo o que fiz antes. Os meus rostos e corpos estão a mudar, mesmo que a técnica utilizada seja a mesma: tinta da china e gouache. Neste livro, em particular, o simbolismo é fundamental, não há nada ao acaso. O rosa fluorescente guia-nos ao longo da história como um prazer, mas há mais metáforas visuais, que prefiro que o leitor decifre.» E são muitas, das plantas que surgem, verdes e robustas, rodeando cada descoberta, aos animais míticos, como a velha serpente, acompanhando cada passo mais ousado dado por tantas mulheres em diferentes épocas.

A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses, looking slightly to the left. The image is the background for the entire poster.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago





AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100



CASA JOSÉ
SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

ANDREIA BRITES

*ler e
ouvir
no
ecrã*

Alice Vieira disse um dia que a culpa de as crianças terem deixado de ler foi das vacinas. Com humor a escritora referia-se aos tempos infundáveis que se passava a recuperar de sarampo ou varicela sem qualquer ajuda, sequer, de uma televisão inexistente.

Passado mais de meio século as pessoas, desta feita adultos e crianças, voltam a ter de passar tempos infundáveis fechados em casa por via da pandemia do covid-19. Há quem não se resigne e aproveite para recomendar leituras e sugerir alternativas a partir do livro.

Nas redes sociais o **Planeta Tangerina** anuncia medidas de combate ao tédio através da leitura dos seus livros. Com a ponderação que sempre pauta as suas intervenções e campanhas, a editora elenca uma série de títulos que respondem a necessidades e precauções várias. Intercalando orientações e livros cria-se uma sequência onde cabem legumes da época (*Batata chaca chaca*), falar ao telefone com quem se gosta (*Telefone sem fio*), evitar andar na rua sem ser preciso (*Ir e vir*) tentar manter relações equilibradas em casa (*Mana*), sem esquecer, obviamente, a lavagem frequente das mãos e a reflexão sobre o tempo e sobre cada um de nós. Quando as propostas são lançadas no blogue da editora, a 12 de Março, as escolas ainda funcionavam, aguardando a decisão governamental que aconteceria no dia seguinte.

A partir de então o tempo acelerou e choveram propostas e generosas partilhas de artistas, mediadores e agentes culturais para ajudar nos dias mediados por ecrãs.

Nazaré de Sousa, livreira da **Hipopómatos na Lua**, decidiu comemorar o centenário de Gianni Rodari oferecendo ao público um conto ao telefone. Assim, basta ligar para um telemóvel entre as 15h00 e as 17h00 e ter a paciência suficiente para esperar a sua vez! Na véspera a livreira anuncia que conto será narrado e por quem. Homenageia-se assim o mestre italiano que escreveu as *Histórias ao Telefone*, contextualizando-as com uma bela fantasia: a de um pai caixeiro-viajante que telefonava à filha e lhe contava uma história assim, à hora de dormir.

Estamos abertos, estamos aqui. A nossa loja online continua a funcionar com envios regulares. [OK](#)



ESPECIAL

Perguntas
que os
leitores nos
fazem ou
talvez
tenham
vontade de
fazer



BLOGUE

12 Mar 2020

Propostas para os próximos dias (semanas?)

O que fazer com tantos minutos?

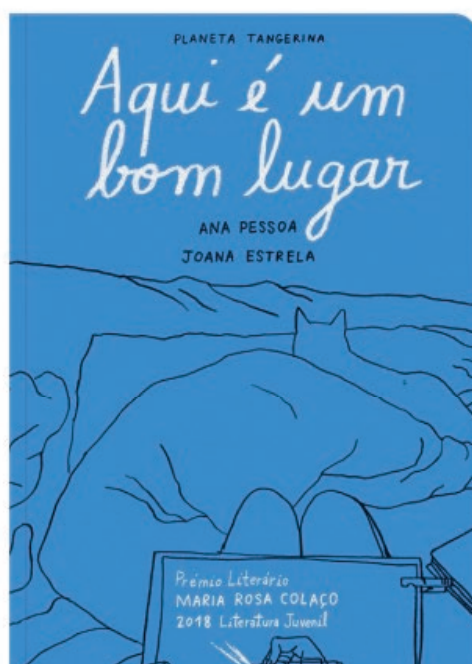
(Nós os que estamos habituados a que os minutos nunca cheguem)

Lavar as mãos.

E depois?

Fazer deslizar um livro da prateleira.

Escolher um sítio confortável.



TEMAS

FREQUENTES

INTERNACIONAL

BERNARDO P.

CARVALHO

ISABEL MINHÓS

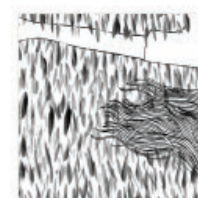
MARTINS

MADALENA

MATOSO

PRÉMIOS

RELACIONADAS



Prémio
Nacional de
Ilustração
2014

menção





SÁBADO, 28 DE MARÇO DE 2020

Bom Fim de Semana



Mouni Feddag



O QUE FAZEMOS AQUI

[e hipopómatos na lua](#)

Os hipopómatos chegam à lua, conduzidos a seis mãos... Viajamos através do único meio capaz de nos levar a qualquer lado, o LIVRO. O que pretendemos? Dar-te boleia...

[Ver o meu perfil completo](#)

DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL



Ilustração de Catarina Correia Marques



Publicada por [hipopómatos na lua](#) 0 comentários

Etiquetas: [Bom fim de semana](#), [Mouni Feddag](#)



Como os recursos eram poucos, a história durava o tempo que as moedas permitiam. Por isso todas as histórias são curtas, tão curtas como fantasiosas, sensoriais, plenas de humor e emoções várias.

Já a **Andante**, uma das mais antigas associações artísticas que promovem a leitura, recuperou o blogue onde desde 2007 regista em áudio leituras poéticas com música e sonoplastia. *Conta-meumconto.blogspot.com* passa a contar com uma atualização semanal, uma outra forma de o leitor ouvir a cadência, expressividade e intenção musical da dupla Cristina Paiva e Fernando Ladeira, agora que os seus espetáculos em escolas e bibliotecas, assim como o seu clube de leitura em voz alta (CLEVA) estão interrompidos.

Foram também vários os contadores de histórias que decidiram publicar momentos diários de narração nas redes sociais como forma de se manterem próximos do público incentivando também as famílias à partilha da leitura ouvida. Uma delas é **Catarina Claro** que tem colocado no YouTube, desde dia 16 de março, momentos de narração de álbuns. *O incrível rapaz que comia livros*, de Oliver Jeffers, ou *Onde moram os monstros*, de Maurice Sendak, são apenas duas leituras. A mediadora cultural participa num outro projeto de narração oral organizado por Bru Junça e que envolve muitos narradores. Contos em Linha partiu de um desafio aos leitores/ ouvintes: todos os que desejassem podiam inscrever-se até dia 19 de março para receberem, a partir de dia 20, um

telefonema surpresa entre as 10h e as 23h em que um contador contaria, nessa chamada telefónica, um conto.

Também as Bibliotecas Municipais se desdobram em esforços para minimizar o afastamento imposto aos seus utilizadores. São muitas as propostas de leitura postadas nas redes sociais. Em Vila Velha de Ródão, a estante física onde leitores deixavam livros como sugestão a outros leitores migrou agora para o Facebook. A proposta é tão simples como a original: basta ao leitor tirar uma fotografia da capa e de uma página do livro que quer partilhar e enviá-las para o e-mail da Biblioteca. Depois as fotografias são colocadas na página do Facebook com a indicação do leitor.

As **Bibliotecas de Lisboa** criaram no YouTube dois momentos: um de narração de histórias para pais e filhos e outro dedicado à semana da poesia, que teria programação nos vários equipamentos e agora oferece a leitura de um poema por dia durante uma semana.

Em Benavente, a **Biblioteca Municipal** criou um evento de sessões narrativas aos domingos e quartas-feiras a pensar nas famílias da sua comunidade. Antes das sessões, são postadas indicações sobre objectos ou outros elementos que os ouvintes podem ter consigo durante o momento interativo. Quando Ana Luísa Oliveira aparece em direto no grupo do Facebook começam a chover comentários de pais a indicar a sua presença. Ana Luísa fala e as famílias respondem por escrito. A narração também pede participação e depois as famílias enviam

Míssil



▶ -1:14

Dentro de minutos,
com estrondo,
vai cair.
Quantos meninos
neste instante
ainda estão a rir?

JOÃO PEDRO MÉSSADER
Pequeno livro das coisas
ilustração - Rachel Caiano
Ed. Caminho

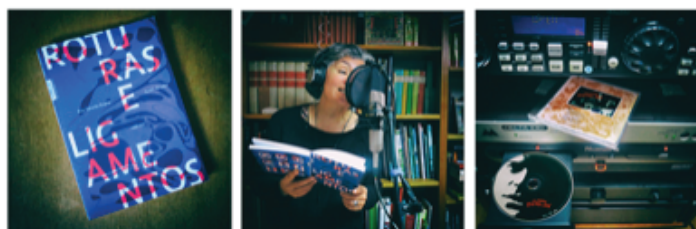
voz - Cristina Paiva

música – Visit Venus

sonoplastia e fotografia - Fernando Ladeira

Publicado por Andante à(s) sexta-feira, abril 14, 2017 0 comentários
Autor João Pedro Mésseder

Chamam-lhe amor



▶ -1:04

Há que dar às coisas nomes curtos e simples,
para que a palavra nos venha aos lábios
obedientemente canina,

mas o certo
é que lhe poderíamos dar um outro nome
- qualquer um -

Boby, Tejo ou Lassie, fora o amor uma cadela

- Mário de Sá Carneiro (2)
- Mário Quintana (1)
- Matilde Rosa Araújo (2)
- Miguel Manso (1)
- Miguel Torga (2)
- Milan Kundera (1)
- Natália Correia (1)
- Nuno Júdice (4)
- Olivier Rolin (1)
- Oscar Wilde (1)
- Pablo Neruda (1)
- Paul Claudel (1)
- Pedro Oom (1)
- pepQ (80)
- Rainer Maria Rilke (1)
- Rita Taborda Duarte (2)
- Rosa Alice Branco (1)
- Rui Pires Cabral (1)
- Russel Edson (4)
- Ruy Belo (5)
- Ruy Cinatti (1)
- Salette Tavares (2)
- Santo Agostinho (1)
- Sebastião da Gama (2)
- Sidónio Muralha (3)
- Soeiro Pereira Gomes (2)
- Sophia de Mello Breyner Andrad (1)
- Teixeira de Pascoaes (1)
- Teolinda Gersão (1)
- Teresa Rita Lopes (2)
- Umberto Saba (2)
- Urbano Tavares Rodrigues (1)
- Vitorino Nemésio (5)
- Viviane Mosé (1)
- Wenceslau de Moraes (1)
- Woody Allen (1)

Arquivo

- ▼ 2020 (2)
- ▼ Março (2)
- Quando isto um dia passa
- Congresso Internacional d

- ▶ 2019 (1)
- ▶ 2017 (4)
- ▶ 2014 (3)
- ▶ 2013 (8)
- ▶ 2012 (7)
- ▶ 2011 (80)
- ▶ 2010 (20)
- ▶ 2009 (41)
- ▶ 2008 (45)
- ▶ 2007 (42)



BLX - Bibliotecas de Lisboa

746 subscritores • 120 vídeos

Site BLX <http://blx.cm-lisboa.pt/> www.facebook.com/BibliotecasdeLisboa.

SUBSCREVER

Mais recentes do canal BLX - Bibliotecas de Lisboa

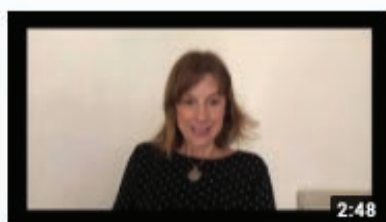


Pois lá - Ep7 - ÚLTIMO!

BLX - Bibliotecas de Lisboa • 25 visualizações • há 20 horas

No âmbito do Dia Mundial da Poesia, dia 21 março, as BLX assinalam a data com a leitura de um poema por dia.

Novo



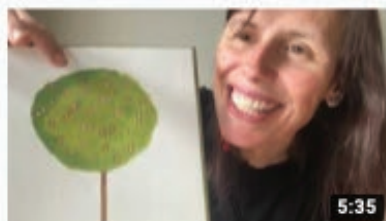
Uma história por dia, não sabe o bem que lhe fazia S1 E8

BLX - Bibliotecas de Lisboa • 42 visualizações • há 23 horas

Hoje vamos ouvir a história sobre o livro: Pato! Coelho!, de Amy Krouse Rosenthal e Tom Lichenheld, editora Presença, por Ana ...

Novo

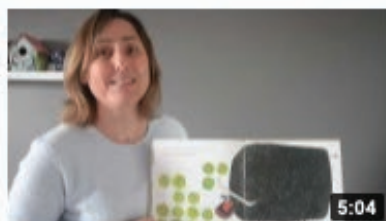
+ 8 RESTANTES



Uma história por dia, não sabe o bem que lhe fazia S1 E1

BLX - Bibliotecas de Lisboa • 7,2 mil visualizações • há 1 semana

Livro: El Secreto de Eric Battut, 2004, Editora Kókinos, por Susana Silvestre, Chefe de Divisão da Rede de Bibliotecas de Lisboa.

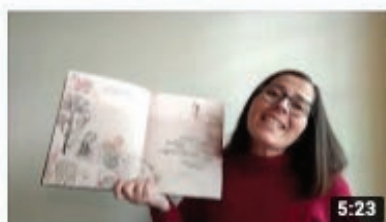


Uma história por dia, não sabe o bem que lhe fazia S1 E4

BLX - Bibliotecas de Lisboa • 3,1 mil visualizações • há 4 dias

Livro: Grão de Milho, Olalla González e Marc Taeger, editora Kalandraya por Mafalda Seoane, mediadora de leitura (BLX).

Novo



Uma história por dia, não sabe o bem que lhe fazia S1 E2

BLX - Bibliotecas de Lisboa • 3,3 mil visualizações • há 1 semana

Livro: Mucho cuento - Enrique Paez e Marjorie Pourchet, OQO por Rute Teixeira, mediadora de leitura (BLX).

Relacionado com a sua pesquisa



O LOBO QUE QUERIA MUDAR DE COR - Orianne Lallemand e Éléonore Thuillier

Flashart • 878 mil visualizações • há 2 anos

MAIS HISTÓRIAS DO LOBO E OUTRAS :

https://www.youtube.com/channel/UCgWjTIFuOvvDeG_vf88tBvw Compre o livro é ...

fotos do momento. Neste caso, a proximidade alimenta-se e é visível o quanto o grupo responde com entusiasmo. Apesar de ser uma iniciativa para um determinado público, pensada para alimentar laços de proximidade, são muitas as pessoas que acompanham a transmissão fora do eixo geográfico de Benavente. Há quem esteja em Carcavelos, perto de Lisboa, ou em Angola.

As propostas são muitas. É preciso tempo para escolher. É preciso experimentar. É preciso ver o que funciona em cada casa, para cada família. O que gostamos mais? O que faz mais sentido para nós, neste grupo e neste espaço?

Não vale a pena cair na tentação do consumo. Temos tempo. Pouco ou muito, temos. Aos agentes culturais, especialmente aos mediadores, cabe-lhes essencialmente isso, oferecer uma proximidade dialogante, um momento que replique os comportamentos de comunidade para que os laços com a leitura, entre leitores e com os espaços, não se percam. Os que o conseguirem terão certamente muitas e novas histórias para contar e ouvir depois.

AND THE WINNER IS...

Como sempre, os mais prestigiados prêmios destinados ao livro infantojuvenil nos EUA foram anunciados durante o Encontro de outono da ALA (American Library Association).

John Newbery Medal (para texto)

NEW KID

Jerry Craft

HarperCollins Children's Books

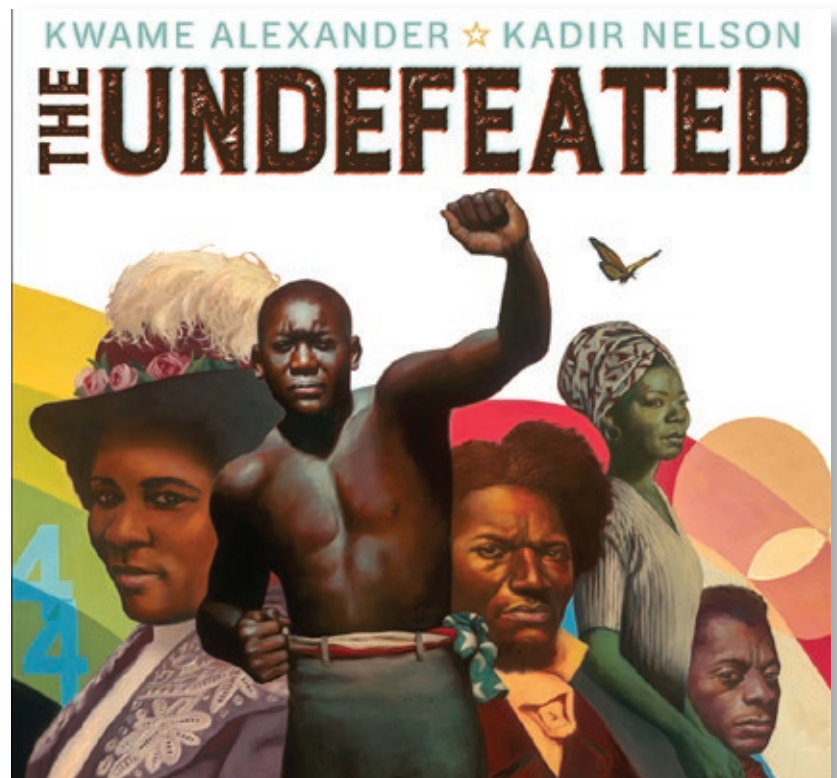
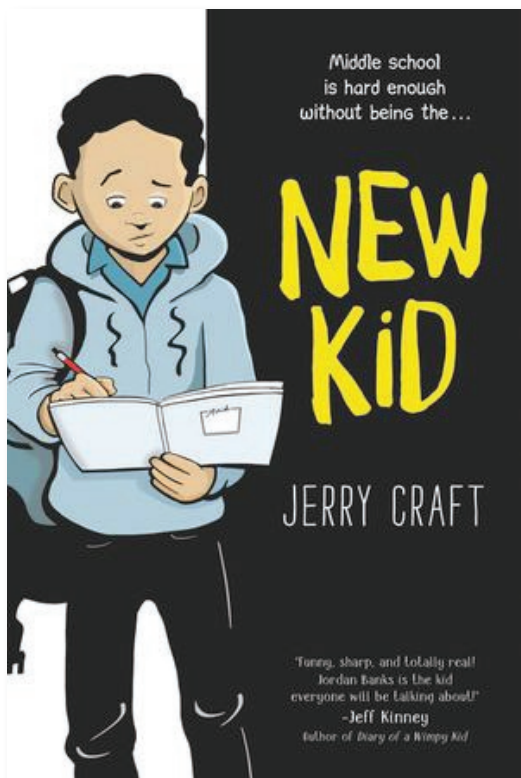
Randolph Caldecott Medal (para ilustração)

THE UNDEFEATED

ilustrado por Kadir Nelson

texto de Kwame Alexander

Versify



ESPELHO MEU

ANDREIA BRITES



Carmen Miranda,
Eu fiz tudo pra você gostar de mim
Tito Couto e Sofia Neto
Imprensa Nacional Casa da Moeda/ Pato Lógico

A oportunidade do título joga na perfeição com a coerência do texto. Tito Couto introduz Carmen Miranda como uma mulher emblemática, inovadora, cheia de criatividade mas ressalva o peso que a originalidade e a diferença podem ter sobre quem cria.

Ainda acrescenta a sensibilidade e a vida privada de quem se expõe com imperativa alegria e júbilo porque assim desenvolveu a sua *persona* artística.

Os adultos que se cruzam com a capa desta biografia imediatamente trauteiam o verso que lhe dá nome. Basta lerem o nome da cantora e verem a ilustração do seu retrato, com os lábios carregados de batom vermelho e o célebre turbante, desta feita sem a fruta que, mais à frente na narrativa, será apresentada e explicada.

Quem nunca tenha cantado ou sequer ouvido «O que é que a baiana tem» ou «...eu fiz tudo pra você gostar de mim...» não deixa de reparar no fundo vermelho do livro nem na personagem da capa, que se ri para o leitor. O tom da narrativa biográfica é muito escorreito, sem lapsos ou elipses. Cada momento sucede e encaixa no seguinte, e todos os que chegam ou partem, todos os desvios são integrados. Tito Couto não enfatiza os elementos dramáticos mas ao invés também não os eufemiza. Comenta o acaso e o destino de Carmen, Maria do Carmo como nome de nascença, desde que a família parte para o Brasil até ser uma escolha de recurso que tem um retumbante sucesso. Apesar do enfoque principal da biografia ser o percurso profissional da cantora, a narrativa revela diversas informações contextuais e históricas. A música popular brasileira ou a indústria cinematográfica em Hollywood

são dois exemplos importantes. A intervenção do narrador não se esgota em apontamentos ou parênteses. Implica-se para chamar a atenção para situações de injustiça ou discriminação de género e compara as épocas. Este recurso comparativo aproxima o leitor da biografada, por um lado, e por outro desperta-o para o seu próprio presente.

A vida de Carmen Miranda é em tudo fascinante, da sua persistência aos acasos, dos grandes sucessos aos fracassos, das estratégias que a tornaram icónica à ridicularização da personagem... O vórtice de emoções não acaba e a sua vida pessoal também o reflete e agudiza. Tito Couto opta por não cristalizar o oportunismo do marido de Carmen nem romantizar os sentimentos da cantora. Por isso, a tragédia que se começa a adivinhar tem rosto, causa e decisões próprias e não é obra de um destino superior. Carmen Miranda é descrita como uma pessoa com fragilidades que a incapacitam para lutar contra um estado de desamor e exploração. É a mesma pessoa que nunca desiste do palco, apesar dos medicamentos que consome para conseguir cantar. Paradoxal, como somos todos. No final, a conclusão do biógrafo vai no sentido do ensinamento, do perigo da necessidade de aceitação e do respeito como prova de amor ou amizade. E no de uma certa reabilitação de uma mulher mal esquecida.



O muro no meio do livro

Jon Agee

Nuvem de Letras

Não é a primeira vez que se usa a morfologia do objecto para a incorporar na narrativa. Desta feita, é o centro da página dupla, onde as folhas se encontram, que é habilmente usado para a implementação de um muro de tijolo. Ora cria essa construção uma barreira que divide equitativamente os dois lados da página dupla. Mas dupla continua a ser, na medida em que a ilustração se estende de uma ponta à outra no mesmo momento da narrativa visual. Este é, aliás, o grande

alicerce não apenas da ação como do efeito humorístico que provoca. O muro que divide impossibilita como consequência que se veja ou saiba o que acontece do outro lado. Por isso o solícito soldado que se dispõe a recolocar o tijolo em falta no lado esquerdo do muro nada sabe do que se vai desenrolando no lado direito. Todavia, a nós, leitores é-nos concedido tal privilégio. É assim que acompanhamos o falso juízo do soldado que teme o que não conhece mas, ao subir a escada dá as costas à invasão de água que vai crescendo e com ela traz outros perigos. O salvamento revela ao soldado uma realidade bem diferente. Porém, ele continuará a desconhecer os perigos que o ameaçavam no lado que outrora privilegiara.

Para além da inversão de papéis para os estereótipos de força, violência e coragem, com o rato a assustar o rinoceronte e o ogre simpático e divertido, a principal mensagem da narrativa é mesmo a do juízo pré-concebido e do preconceito. O texto reduzido ao elementar destaca a narrativa visual que compõe, através da expressividade das personagens e da progressão dos seus movimentos, quadros de humor e expectativa. Assim se alimenta o ritmo do álbum que até ao fim cumpre em equilíbrio e coerência. A ingenuidade de todos leva o leitor a degustar do seu poder, o de aceder à leitura do todo.

Sara ma

*Ensaio
Sobre a
Cegueira*

o gu

notas

ma

Em 1993, algumas semanas depois de se ter mudado para a ilha de Lanzarote, José Saramago deu início a um projeto que já orbitava sobre a sua cabeça: um romance sobre uma cegueira branca que ataca os habitantes de uma cidade. Durante pouco mais de dois anos, o escritor trabalhou na escrita de **Ensaio sobre a Cegueira**, publicado em 1995. “No fundo, o que o livro quis expressar é muito simples: se somos assim, que cada um se pergunte porquê”, disse o autor uns anos depois, numa conferência.

Nos últimos meses, com a pandemia de um super-vírus que nos obriga ao confinamento em casa e levanta questões sobre a nossa capacidade de vivermos em coletividade, o romance de José Saramago passou a ser muito citado e recordado.

Durante os meses em que esteve envolvido no projeto, José Saramago deixou anotadas no seu diário as dificuldades e aflições com que se deparou ao escrever o romance, assim como as descobertas e aprendizagens que ele trouxe. A Blimunda deste mês recupera algumas notas do diário do escritor que fazem referência ao **Ensaio sobre a Cegueira** e que podem servir para os interessados em ler ou reler o romance.

Cadernos de Lanzarote I (1993)

20 de abril

Esta manhã, quando acordei, veio-me à ideia o *Ensaio sobre a Cegueira*, e durante uns minutos tudo me pareceu claro — exceto que do tema possa vir a sair alguma vez um romance, no sentido mais ou menos consensual da palavra e do objeto. Por exemplo: como meter no relato personagens que durem o dilatadíssimo lapso de tempo narrativo de que vou necessitar? Quantos anos serão precisos para que se encontrem substituídas, por outras, todas as pessoas vivas num momento dado? Um século, digamos que um pouco mais, creio que será bastante. Mas, neste meu *Ensaio*, todos os videntes terão de ser substituídos por cegos, e estes, todos, outra vez, por videntes... As pessoas, todas elas, vão começar por nascer cegas, viverão e morrerão cegas, a seguir virão outras que serão sãs da vista e assim vão permanecer até à morte. Quanto tempo requer isto? Penso que poderia utilizar, adaptando-o a esta época, o modelo «clássico» do «conto filosófico», inserindo nele, para servir as diferentes situações, personagens temporárias, rapidamente substituíveis por outras no caso de não apresentarem consistência suficiente para uma duração maior na história que estiver a ser contada.

**s
a
r
a**



21 de abril

Chegou uma cópia da segunda edição de *In Nomine Dei*. Mais cinco mil exemplares, que se vão juntar aos dez mil da edição inicial. Pergunto: que se passa, para que uma peça de teatro atraia tanta gente? Já não é só o romance que interessa aos leitores? Terá isto que ver, apenas, com a simples fidelidade de quem se habituou a ler-me? Ou será que, neste tempo de violência e frivolidade, as «questões grandes» continuam a roer a alma, ou o espírito, ou a inteligência («moer o juízo» é uma expressão com muito mais força) daqueles que não querem conformar-se? Se assim é, espero que venham a sentir-se bem servidos com o *Ensaio sobre a Cegueira*...

21 de junho

[...] Dificuldade resolvida. Não é preciso que as personagens do *Ensaio sobre a Cegueira* tenham de ir nascendo cegas, uma após outra, até substituírem, por completo, as que têm visão: podem cegar em qualquer momento. Desta maneira fica encurtado o tempo narrativo.

2 de agosto

Escrevi as primeiras linhas do *Ensaio sobre a Cegueira*.

15 de agosto

Decidi que não haverá nomes próprios no *Ensaio*, ninguém se chamará António ou Maria, Laura ou Francisco, Joaquim ou Joaquina. Estou consciente da enorme dificuldade que será conduzir uma narração sem a habitual, e até certo ponto inevitável, muleta dos nomes, mas justamente o que não quero é ter de levar pela mão essas sombras a que chamamos personagens, inventar-lhes vidas e preparar-lhes destinos. Prefiro, desta vez, que o livro seja povoado por sombras de sombras, que o leitor não saiba nunca de quem se trata, que quando alguém lhe apareça na narrativa se pergunte se é a primeira vez que tal sucede, se o cego da página cem será ou não o mesmo da página cinquenta, enfim, que entre, de facto, no mundo dos outros, esses a quem não conhecemos, nós todos.

20 de agosto

Uma hipótese: talvez esta necessidade imperiosa de organizar uma lembrança coerente do meu passado, dessa sempre, feliz ou infeliz, única infância, quando a esperança ainda estava intacta, ou, ao menos, a possibilidade de vir a tê-la, se tenha constituído, sem que eu o pensasse, como uma resposta vital para contrapor ao mundo medonho que estou a caminho de imaginar e descrever no *Ensaio sobre a Cegueira*.

**r
a
f
a**



22 de agosto

Começo a compreender melhor a relação que a gente nova tem com os jogos de computador, e como é fácil ficar prisioneiro do teclado e do que vai acontecendo no ecrã. Nos últimos dois dias, pouco atraído pelo *Ensaio*, cheio de espinhos, que ainda vai no primeiro capítulo, dediquei-me a investigar um pouco mais uma máquina (chamo máquina ao computador...) que até agora só me tinha servido para escrever.

30 de agosto

Terminado o primeiro capítulo do *Ensaio*. Um mês para escrever quinze páginas... Mas Pilar, leitora emérita, diz que não me saí mal da empresa.

25 de novembro

Em que ponto está o *Ensaio sobre a Cegueira*? Parado, dormindo, à espera de que as circunstâncias ajudem. Mas as circunstâncias, mesmo quando parecem propícias, não perdem a sua volubilidade natural, precisam de uma mão firme e boa conselheira. Até ao fim do ano (por causa da viagem às terras do Mais Antigo Aliado, e depois as festas, com a casa cheia de gente), não terei mais remédio que deixá-las à solta (falo das circunstâncias, claro) mas logo a seguir tratarei de as prender curto. Entretanto, vou escrevendo umas

quantas coisas como esta que a revista *Tiempo*, de Madrid, me pediu, sobre a anunciada criação do Parlamento de Escritores [...].

17 de dezembro

Voltei—timidamente—ao *Ensaio*. Modifiquei umas quantas coisas, e o capítulo ficou bastante melhor: a importância que pode ter usar uma palavra em vez de outra, aqui, além, um verbo mais certo, um adjetivo menos visível, parece nada e afinal é quase tudo.

Cadernos de Lanzarote II (1994)

3 de janeiro

Zeferino Coelho regressou hoje a Lisboa. Enquanto cá estive leu tudo quanto tenho escrito nos últimos tempos: estes *Cadernos*, o capítulo do *Ensaio*, as notas para as *Tentações*. Propôs-me levar já os *Cadernos*, para publicar em abril um primeiro volume. O trabalho que tive para contrariar-lhe a ideia não precisou de ser grande, mas obrigou-me a pensar sobre o que quero fazer, ou melhor, sobre a ordem por que haverão de sair estes livros, por enquanto ainda só promessas deles. Concluí que devo lançar-me de vez ao *Ensaio* e não ir buscar desculpas cómodas ao tempo que as *Tentações* e os *Cadernos* vão continuar a tomar-me. Nestas



**m
a
t
t**

duas semanas pouco poderei adiantar (primeiro vem o José Manuel Mendes, depois aparecerá o João Mário Grilo com a equipa de filmagem), mas, passadas elas, terei de voltar ao trabalho, desviar os olhos deste céu, deste mar, destas montanhas. Contra o meu desejo, duramente. (Há dias saiu-me «brutalmente»... Enfim, palavras.) [...]

29 de abril

Sentei-me a trabalhar no *Ensaio sobre a Cegueira*, ensaio que não é ensaio, romance que talvez o não seja, uma alegoria, um conto «filosófico», se este fim de século necessita tais coisas. Passadas duas horas achei que devia parar: os cegos do relato resistiam a deixar-se guiar aonde a mim mais me convinha. Ora, quando tal sucede, sejam as personagens cegas ou videntes, o truque é fingir que nos esquecemos delas, dar-lhes tempo a que se creiam livres, para no dia seguinte, desprevenidas, lhes deitarmos outra vez a mão, e assim por diante. A liberdade final da personagem faz-se de sucessivas e provisórias prisões e libertações.

8 de julho

O *Ensaio* saiu do atoleiro em que tinha caído há já não sei quantos meses. Pode vir a cair noutro, mas deste safou-se. Há uns poucos dias que eu tinha decidido deixar de lado dois capítulos que se

havam convertido numa daquelas armadilhas onde se pode entrar com toda a facilidade, mas donde não se sai. O novo rumo parecia-me animador, abria perspectivas. Em todo o caso, ainda não me sentia completamente seguro. Foi então que andando por aí, hoje, ao vento, me sucedeu algo muito semelhante ao episódio de Bolonha, quando, depois de meses sem saber o que poderia fazer com a ideia do *Evangelho*, nascida em Sevilha, toda a sequência do livro — enfim, quase toda — se me apresentou com uma claridade fulgurante. Estava na Pinacoteca, vira a pintura da primeira sala à esquerda da entrada, e foi ao entrar na segunda (ou teria sido na terceira?) que os pilares fundamentais da narrativa se me definiram com tal simplicidade que ainda hoje me pergunto como foi que não tinha visto antes o que ali me parecia óbvio. Não era nada de complicado, basta ler o livro. Neste caso — o do *Ensaio* — a «revelação» não foi tão completa, mas sei que vai determinar um desenvolvimento coerente da história, antes atascada e sem esperanças. Todos os motivos que vinha dando, a mim mesmo e a outros, para justificar a inação em que me achava — viagens, correspondência, visitas —, podiam, afinal de contas, ter sido resumidos desta maneira: o caminho por onde estava a querer ir não me levaria a lado nenhum. A partir de agora, o livro, se falhar, será por inabilidade minha. Antes, nem um génio seria capaz de salvá-lo.

**s
a
r
i**



24 de julho

Uma coisa seria querer fazer um romance sem personagens, outra pensar que seria possível fazê-lo sem gente. E esse foi o meu grande equívoco quando imaginei o *Ensaio sobre a Cegueira*. Tão grande ele foi que me custou meses de desesperante impotência. Levei demasiado tempo a perceber que os meus cegos podiam passar sem nome, mas não podiam viver sem humanidade. Resultado: uma boa porção de páginas para o lixo.

26 de outubro

João Cabral de Melo Neto recebeu hoje, aqui em Madrid, das mãos da rainha, o Prémio Reina Sofía de Poesia Iberoamericana. Disse-me que perdeu a visão central, as suas primeiras palavras foram mesmo: «Estou cego», e eu só pude abraçá-lo com força. Mais tarde pensei nos meus cegos do *Ensaio* e achei-os insignificantes diante da realidade pungente daqueles olhos perdidos. Cego, João Cabral, o maior poeta de língua portuguesa vivo, com perdão de outros que também são grandes... O discurso de agradecimento, lido pelo embaixador do Brasil, foi muito belo, de uma serenidade profunda, como de alguém que, por cima das tristezas da vida, está em paz consigo mesmo.

Cadernos de Lanzarote III (1995)

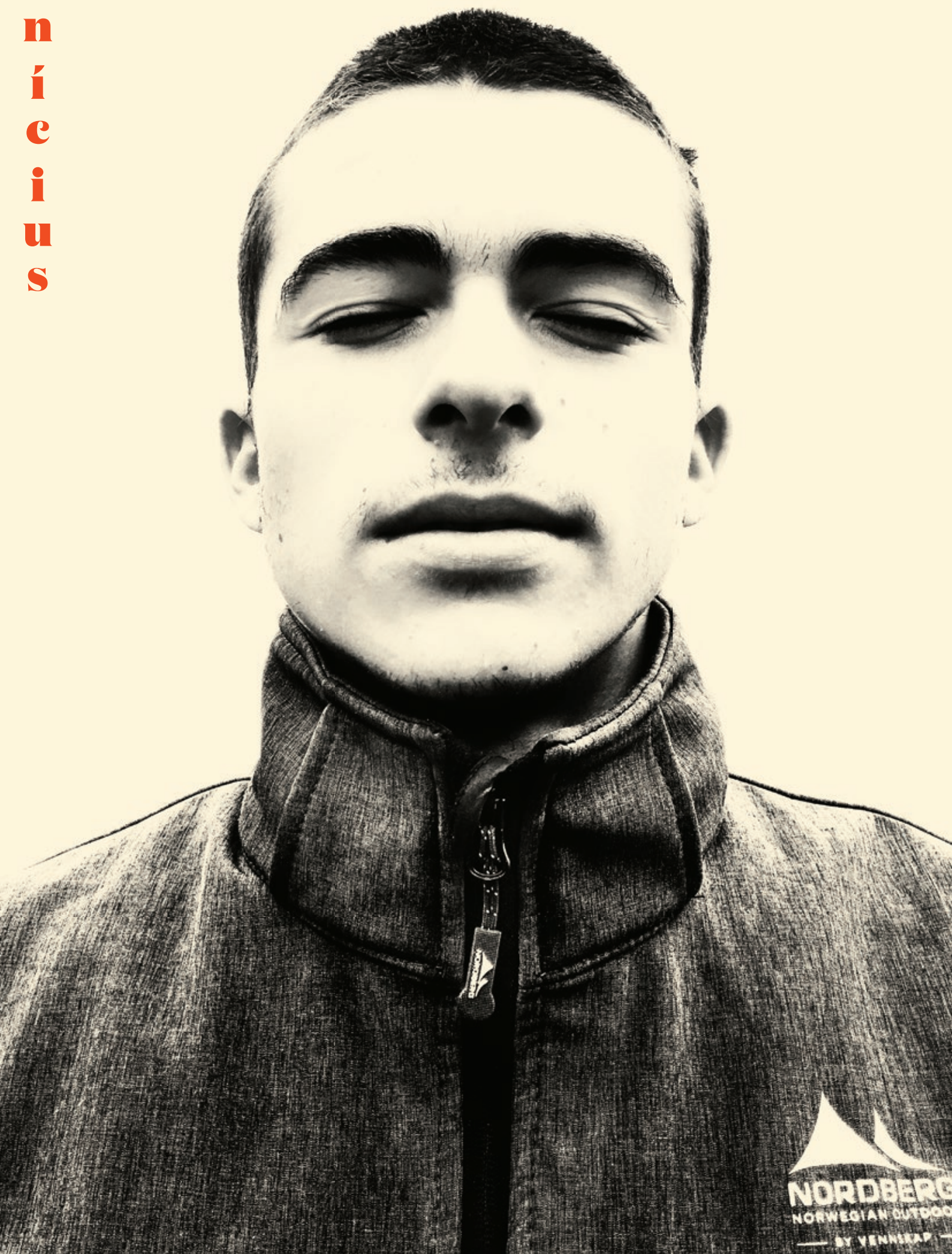
8 de janeiro

Há tempos prometi a Lakis Proguidis, para o seu *L'atelier du roman*, um ensaio sobre Ernesto Sábato, para o qual até já dispunha de título, uma vez que, como é minha incorrigível tineta, batizo sempre a criança antes de ela ter nascido. Chamar-se-ia *O Olhar Sobrevivente*. O condicional já está aí a dizer que a promessa não chegou a ser cumprida. Talvez regressasse um dia a esse projeto, mas nunca antes de me libertar da legião de cegos que me rodeia. Aliás, é bem possível que o título me tenha vindo, por desconhecidos caminhos, daquele «olhar sobrevivente» que, em sentido literal, existe no *Ensaio sobre a Cegueira*. Isso e, por diferentes vias, o *Informe sobre Cegos* do mesmo Sábato (onde o número de cegos não conta comparado com os do *Ensaio...*), é o que provavelmente me terá levado ao título desse outro «ensaio» que ficou por escrever.

12 de janeiro

[...] José Manuel Mendes pergunta-me num fim de carta: «Como vai o *Ensaio*?» Vou responder-lhe com uma palavra simples: «Avança.» Provavelmente, ele pensará: «Enfim... já não era sem tempo.»

V
i
n
í
c
i
u
s




NORDBERG
NORWEGIAN OUTDOOR
— BY VENNSKAP —

15 de janeiro

Contra mim falo: o melhor que às vezes os livros têm são as epígrafes que lhes servem de credencial e carta de rumos. *Objeto Quase*, por exemplo, ficaria perfeito se só contivesse a página que leva a citação de Marx e Engels. Lamentavelmente, a crítica salta por cima dessas excelências e vai aplicar as suas lupas e os seus escalpelos ao menos merecedor que vem depois. Não foi esse o caso de um certo crítico que, atento à matéria, não deixou passar em claro a epígrafe da *História do Cerco de Lisboa*, aquela que diz: «Enquanto não alcançares a verdade, não poderás corrigi-la. Porém, se a não corrigires, não a alcançarás.» São palavras do *Livro dos Conselhos*, confirmava com toda a seriedade, movido provavelmente por uma reminiscência, de direta ou indireta via, do *Leal Conselheiro* de D. Duarte. Ora, convém dizer que são também palavras do *Livro* as que irão servir agora de epígrafe ao *Ensaio* sobre a Cegueira, em andamento. Estas rezam assim: «Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.» Espero que o bem-intencionado crítico, tendo refletido sobre a profundidade do asserto, não se esqueça, com idêntica circunspeção, de mencionar a fonte, salvo se, desta vez, tomado de súbita desconfiança ou de científico escrúpulo, se decidir a perguntar: «Que diabo de *Livro dos Conselhos* é este?»

16 de janeiro

O *Livro dos Conselhos* não existe.

4 de março

Dia de chuva e frio em Braga. Colóquio de inauguração da Feira do Livro, com a escritora espanhola Soledad Puértolas e Luísa Mellid Franco, que foi a moderadora. Apesar do mau tempo, que terá retido muita gente em casa, o auditório esteve cheio durante as duas horas que o colóquio durou. Soledad Puértolas falou em castelhano (a sorte dos espanhóis, que os portugueses sejam tão benévolos...) e foi escutada com a maior atenção. Deve ter ido satisfeita com o público de Braga. Quanto a mim, porque não tinha nenhum livro recente que pudesse servir-me de bengala, resolvi levantar um pouco mais o véu que ainda cobre o *Ensaio sobre a Cegueira* e desenvolver algumas reflexões a propósito. À medida que ia falando, tornava-se-me cada vez mais claro quanto a mim próprio me inquieta o pessimismo deste livro. *Imago mundi* lhe chamei, já em conversa com o Luiz Francisco Rebello, visão aterradora de um mundo trágico. Desta vez, a expressão do pessimismo de um escritor de Portugal não vai manifestar-se pelos habituais canais do lirismo melancólico que nos caracteriza. Será cruel, descarnado, nem o estilo lá estará para lhe suavizar as arestas. No *Ensaio* não se lacrimam as mágoas íntimas de personagens

inventadas, o que ali se estará gritando é esta interminável e absurda dor do mundo.

18 de junho

Voltei ao *Ensaio*. Com a disposição firme de levá-lo desta vez ao fim, custe o que custar. Durante todo o tempo que andei por fora, amigos e conhecidos não pararam de me perguntar pelos meus cegos. Chegou a altura de eles responderem por si mesmos.

15 de julho

Pausa de vinte e quatro horas no *Ensaio* para apresentar em Las Palmas o livro de Juan Cruz, *Exceso de Equipaje*, que é uma brilhante demonstração da arte do fragmento intimista e da observação do quotidiano imediato. Fez-me bem o derivativo, aliviei a tensão que me andam a causar os cegos, conheci gente simpática e inteligente, reencontrei amigos, como o poeta Manuel Padorno, e Toni, Luz e María del Carmen, as professoras do Coletivo Andersen.

9 de agosto

Terminei ontem o *Ensaio sobre a Cegueira*, quase quatro anos após o surgimento da ideia, sucesso ocorrido no dia 6 de setembro de 1991, quando, sozinho, almoçava no restaurante Varina da Madragoa, do meu amigo António Oliveira

**m
a
r
i
a**



(apontei a data e a circunstância num dos meus cadernos de capa preta). Exatamente três anos e três meses passados, em 6 de dezembro de 1994, anotava no mesmo caderno que, decorrido todo esse tempo, nem cinquenta páginas tinha ainda conseguido escrever: viajara, fui operado a uma catarata, mudei-me para Lanzarote... E lutei, lutei muito, só eu sei quanto, contra as dúvidas, as perplexidades, os equívocos que a toda a hora se me iam atravessando na história e me paralisavam. Como se isto não fosse bastante, desesperava-me o próprio horror do que ia narrando. Enfim, acabou, já não terei de sofrer mais. Seria agora a altura de fazer a pergunta de que nenhum escritor gosta: «Que ficou dessa primeira ideia?» (Não gostamos porque preferiríamos que o leitor imaginasse que o livro nos saiu da cabeça já armado e equipado.) Da ideia inicial direi que ficou tudo e quase nada: é verdade que escrevi o que queria, mas não o escrevi como o tinha pensado. Basta comparar a inspiração de há quatro anos com aquilo que o *Ensaio* veio a ser. Eis o que então anotei, com nenhuma preocupação de estilo: «Começam a nascer crianças cegas. Ao princípio sem alarme: lamentações, educação especial, asilos. À medida que se compreende que não vão nascer mais crianças de visão normal, o pânico instala-se. Há quem mate os filhos à nascença. Com o passar do tempo, vão morrendo os “visuais” e a proporção

“favorece” os cegos. Morrendo todos os que ainda tinham vista, a população da terra é composta de cegos apenas. Um dia nasce uma criança com a vista normal: reação de estranheza, algumas vezes violenta, morrem algumas dessas crianças. O processo inverte-se até que — talvez — volte ao princípio uma vez mais.» Compare-se... Quanto à palavra inspiração que aí ficou atrás, esclareço que a empreguei em sentido estritamente pneumático e fisiológico: a ideia andava flutuar por ali, no oloroso ambiente da Varina da Madragoa, eu inspirei-a, e foi assim que o livro nasceu... Depois, pensá-lo, fazê-lo, sofrê-lo, já foi, como tinha de ser, obra de transpiração...

10 de agosto

Chegaram a Lanzarote, e instalámo-los cá em casa, José Luis García Sánchez e Rosa León. Vieram para a estreia, em Canárias, de *Suspiros de España (y Portugal)*, que ele dirigiu. Motivos para a viagem, apenas os da amizade, porquanto não é costume dos realizadores de cinema andarem atrás dos seus filmes, a estreá-los aqui e ali. Não sei como se agradece isto. Rosa e José Luis tiraram-se do seu trabalho, viajaram de Madrid a Lanzarote, muito mais para me festejarem a mim do que para receberem, eles, aplausos. A rever e a corrigir o Ensaio, não poderei fazer-lhes toda a companhia que deveria, mas dei hoje com eles uma rápida

volta pela ilha, de que me resultou uma estranha impressão: encerrado em casa há tanto tempo, dei por que me inquietava o mundo exterior.

18 de agosto

Lá foram, uma cópia para Zeferino Coelho, outra para Maria Alzira Seixo, ele porque é o editor, ela por ter escolhido o *Ensaio* para tema do estudo que prometeu escrever para um volume que Giulia Lanciani está a preparar sobre o autor destes *Cadernos*. Daqui por poucos dias já saberei o que pensam estes primeiros leitores. Primeiros depois de Pilar, claro está. E que disse Pilar? Que o livro é bom. Será? Leitora exigente e criteriosa é ela, sem dúvida, mas sempre temo que se deixe iludir (enganar, cegar), pouco que seja, pelos sentimentos. Um pensamento que me tem ocupado nestes dias: há vinte anos chamei «ensaio de romance» ao *Manual de Pintura e Caligrafia* (a designação só aparece na primeira edição, a da Moraes), hoje ponho ponto final num romance a que dei o nome de *Ensaio*. Vinte anos de vida e de trabalho para ir dar, por assim dizer, ao mesmo sítio: de falta de persistência e sentido de orientação não poderão acusar-me...

t
i
t
o



20 de agosto

Zeferino Coelho telefonou para dizer que gostou do livro. O autor apreciou sabê-lo e disse consigo mesmo que, agora sim, o *Ensaio* está terminado. Mas Zeferino também avisou que a disquete que lhe enviei, juntamente com o escrito, e que deveria conter o romance, estava em branco... A minha falta de jeito para as informáticas foi confirmada uma vez mais. Felizmente que o José Serrão, responsável pelos assuntos gráficos da editora, me deu, pelo telefone, passo a passo, com paciência e competência, as instruções que antes eu havia saltado e trocado. Fiquei felicíssimo, como um garoto, quando pude comprovar que, finalmente sim, o romance tinha sido copiado inteirinho do disco duro para a disquete. Mas logo me perguntei: copiado, como? E como foi possível que a passagem de um a outro tenha sido praticamente instantânea? Que o romance esteja por aí algures dentro do computador, aonde os meus olhos não podem chegar, admito-o, tenho de admiti-lo. Mas que ele se encontre agora neste objeto tosco de plástico e metal que seguro com dois dedos e que, à vista, não difere em nada de quando estava vazio, isso é que não consigo fazer entrar-me na cabeça. Mais de trezentas páginas, mais de cem mil palavras, estão metidas aqui dentro? Digo-me: estão, mas não são. Estão porque as reencontro de cada vez que quiser ler

a disquete no computador, mas ao mesmo tempo não são porque não podem existir lá como palavras, têm de ser uma outra coisa, algo inapreensível, algo volátil, como (estranha semelhança esta) as palavras dentro do cérebro. Não estão, e contudo são. Que monólogo não teria o Hamlet para dizer se Shakespeare vivesse hoje...

6 de outubro

Em Lisboa, para o lançamento do *Ensaio sobre a Cegueira* e o mais que se há de ver. Assinar livros, dar entrevistas, repetir o já redito, perguntar-me uma e muitas vezes se vale a pena, e apesar disso continuar, porque direi a mim mesmo que o devo fazer. Miguel Torga não concedia autógrafos, Herberto Helder não dá entrevistas: quanto a mim, ainda que me pusesse a procurá-las, sei que não conseguiria encontrar razões para não assinar a um leitor o livro que escrevi e para não lhe explicar porquê e como o fiz. É uma fraqueza, reconheço, mas lembro-me do que dizia a minha eterna avó Josefa, a propósito doutras histórias: «O que o berço deu, a tumba o leva», o que, aplicado ao meu berço e ao meu caso, teria de significar que quando nasci, lá naquela rua da Azinhaga a que chamam da Alagoa, já estava fadado para vir a dar autógrafos e entrevistas, coisa em que nem mesmo a dita e confiada avó acreditaria, vendo com que competência eu mudava a palha das pocilgas ou

j
o
r
g
e



desnucava a nuca aos coelhos com uma pancada seca do cutelo da mão... Ai, os destinos!

2 de novembro

Disseram-me que no lançamento do *Ensaio* terão estado presentes entre quinhentas e seiscentas pessoas. De facto, custava a crer no que os olhos viam: aquela sala do Hotel Altis, enorme, completamente cheia de gente amiga, nada mais que para ver e ouvir o autor e o apresentador, que foi, belissimamente, o Francisco José Viegas. «Ora, ora, aquilo é tudo marketing, é propaganda, é publicidade...», rosnaram com certeza os meus inimigos de estimação, como lhes chama Zeferino Coelho. Sim, publicidade, a mesma publicidade, caríssima, sofisticada e avassaladora, que os editores usam desde o *cursus publicus* do imperador Augusto: enviar convites pelo correio. Claro que no meu caso não deve ser esquecida a ação do departamento de agitprop do Partido, cuja eficácia mobilizadora, desta vez, até lá conseguiu levar, imagine-se, um primeiro-ministro, António Guterres...

16 de novembro

Encontro no gravador de chamadas as vozes de Eduardo Lourenço e de Baptista-Bastos, um a falar de Providence, outro de Lisboa, e ambos dizendo coisas bonitas sobre o *Ensaio*. Não podia

desejar melhores presentes de aniversário. E como estes são dos que se devem guardar, aqui ficam, cuidadosamente transcritos. O estilo é de facto o homem: as chamadas são, cada uma delas, o retrato psicológico de quem as fez. Eis o que disse o BB: «É o Baptista-Bastos, para o Zé. Zé Saramago, querido amigo, olha, estou a telefonar-te pelo seguinte: é que escreveste um grande romance. Acabei ontem de ler, com grande cuidado, com grande aprazimento, e escreveste um grandessíssimo romance, e o resto é conversa. É para te dizer isto e dar-te um grande abraço, que as felicitações são para mim porque li um grande romance. Outro grande abraço para ti, Zé, e um beijinho para a Pilar.» Do Eduardo Lourenço: «Bom dia, meu caro José. Devo ser o último a dar-te os parabéns pelo Prémio Camões. Já tentei telefonar, mas nunca te apanho. Um prémio mais do que merecido. Vou escrever-te a propósito do livro, do teu livro, que me deixou perplexo e que gostaria de comentar contigo, por carta ou em público. Para já, repito, é um livro de muito impacto e de muita importância. Merecia ser discutido por aquele país, e não só. Um grande abraço, Eduardo.» Obrigado, amigos, obrigado, em nome desta reconfortada alma.

Cadernos de Lanzarote IV (1996)

22 de fevereiro

A primeira crítica, em Espanha, ao *Ensaio sobre a Cegueira*, apareceu hoje num jornal de Las Palmas de Gran Canaria, *La Provincia*. Do que o seu autor, Ángel Sánchez, escreveu, extraio duas passagens que me pareceram particularmente interessantes. A primeira: «Insiste [o autor] no recurso de partir de um ponto qualquer da realidade mais corrente para ir derivando no sentido da ficção pura e dura, até ao ponto de permitir ao imaginário que, num dado ponto da narração, devore a realidade corrente do ponto de partida ou a ponha ao seu serviço.» A segunda: «Submetidos [os protagonistas] como estão às pequenas misérias da sua proteção e sobrevivência, não deixam por isso de ver a luz da razão e formulá-lo no seu veículo oral. Se continuam a razoar, alguma esperança resta. Filosofarão portanto à sua maneira, coisa em que o autor continua a ter parte ativa — as mais das vezes — com esse seu humor desprendido e essa lógica relativista, que no caso português parece ser a amarga poesia do “fatum/fado”, memoriosamente expressada pelo idioleto, mais um rasto de subtil humor britânico bastante perceptível.» Este tipo de observações, que não costuma encontrar-se na crítica portuguesa, ajuda a compreender melhor o que se lê. Acho eu.

**l
e
o
n
o
r**



23 de maio

A apresentação do *Ensaio* fez-se no Círculo de Bellas Artes (nunca perceberei por que tenho de dizer el arte no masculino e bellas artes no feminino...). José Antonio Marina, o autor dessas obras magníficas, estimulantes, que são *Teoria da Inteligência Criadora* (que não alcançou ainda em Portugal os leitores que merecia) e *Ética para Náufragos*, e que acaba de publicar nestes dias *El Laberinto del Sentimiento*, fez uma apresentação em que houve tanto de inteligência quanto de generosidade, orientando o diálogo que travámos sobre a razão e os seus absurdos, e em que me esforcei por manter-me à altura, sem sempre o conseguir... Num certo momento, dei por mim a perguntar-me angustiado: «Poderá a razão, realmente, razonar sobre si mesma?»

12 de junho

Em Milão, para o lançamento de *Cecità*, título italiano do *Ensaio sobre a Cegueira*. Sete entrevistas em sete horas foram as que me arrancaram hoje, sem ao menos ter sido respeitado o intervalo para comer a que qualquer trabalhador tem direito: o almoço no hotel foi extensamente conversado, com um jornalista sentado à minha direita, comendo, fazendo perguntas e tomando notas.

20 de junho

Juan Cruz achou que o *Ensaio sobre a Cegueira* devia ser apresentado também aqui [Lanzarote], e eu, que sou o mais dócil dos autores dóceis, concordei. Valeu a pena. A sala grande do museu da Fundação César Manrique encheu-se de pessoas para quem sou já um deles e que como tal me festejaram.

7 de outubro

[...] No meu romance *Ensaio sobre a Cegueira* tentei, recorrendo à alegoria, dizer ao leitor que a vida que vivemos não se rege pela racionalidade, que estamos usando a razão contra a razão, contra a própria vida. Tentei dizer que a razão não deve separar-se nunca do respeito humano, que a solidariedade não deve ser a exceção, mas a regra. Tentei dizer que a nossa razão está a comportar-se como uma razão cega que não sabe aonde vai nem quer sabê-lo. Tentei dizer que ainda nos falta muito caminho para chegar a ser autenticamente humanos e que não creio que seja boa a direção em que vamos.

Em 2015, para assinalar o 20º aniversário da publicação do *Ensaio sobre a Cegueira*, a Porto Editora e a Fundação José Saramago prepararam o livreto *Arquitetura de um romance*, que reúne anotações e discursos de José Saramago sobre a construção do romance. Link para a publicação:

https://www.josesaramago.org/wp-content/uploads/delightful-downloads/2015/11/CJS-ESCBR_20154312_F01_02.pdf

Fotografias de Jorge Silva — Sara, Rafa, Matt, Sari, Vinícius, Maria, Tito, Jorge e Leonor estão em quarentena na Quinta dos Salgueiros, Idanha-a-Nova.

a ver-
dade
dos
pré-
mios

**Prémio
Vergílio
Ferreira**

No início do mês de março o professor e ensaísta Carlos Reis recebeu o Prémio Vergílio Ferreira 2020. O galardão, atribuído pela Universidade de Évora, reconhece o “notável contributo” do catedrático da Universidade de Coimbra no “domínio do ensino da Literatura, dos Estudos Literários e da divulgação internacional da Língua e da Cultura portuguesas”.

***A Blimunda* de março publica o discurso de Carlos Reis aquando da receção do prémio e também o texto lido pela professora Kathryn Bishop-Sanchez, PhD da Universidade da Califórnia-Santa Barbara, durante a cerimónia realizada em Évora.**

Carlos Reis

A verdade dos prémios

Algumas vezes deparei com uma afirmação de Vergílio Ferreira, que já terei citado, longe de saber que um dia ela viria a ser-me útil: «Um prémio», declara Vergílio Ferreira, «confere ao premiado um pouco de certeza sobre o que realizou.» E acrescenta: «Sem dúvida, a História está cheia de erros, no que se refere a consagrações. Mas nos limites do provável, se um júri tem qualidade, uma consagração significa alguma coisa, — essa alguma coisa que importa à confiança em nós mesmos».

Repito e explico-me: a citação convém-me pelo nome que a subscreve, pela situação a que se refere e até pela tonalidade de falsa modéstia em que está envolvida. Uma tonalidade que bem se ajusta ao autor e, já agora, a mim também, como bem sabem muitos dos que me ouvem. Não garanto que a dita citação não tenha já sido usada em momento semelhante a este, aqui ou algures; asseguro, contudo, que, neste caso, não faz sentido a condicional «se um júri tem qualidade».

Conheço suficientemente o prémio Vergílio Ferreira para saber que o júri desta edição, como o de outras mais, tem qualidade bastante. No máximo, digo de quem me distinguiu o mesmo que afirmei quando estive no lugar de quem agora premiou: um júri que atribuiu um prémio,

só porque o fez, caminhou sobre a camada fina de um gelo quebradiço. Esse gelo quebradiço é, evidentemente, a relatividade dos méritos de quem é premiado, em comparação com aqueles que, a par dele, foram considerados, mas não contemplados pela complacência da fortuna.

Por mim, cabe-me apenas dizer o seguinte, diante de testemunhas prestigiosas como as que nesta cerimónia me acompanham: tudo tenho feito e tudo continuarei a fazer para que o gelo seja bem sólido. Como aquele que várias vezes vi nos lagos de Wisconsin, sempre que por lá andei, em missões académicas que a minha colega Kathryn Bishop-Sanchez, aqui presente com muito gosto meu, propiciou e acolheu. A generosidade com que o fez não é inferior à das palavras cúmplices e desinteressadas que neste ato me dedicou.

Quem conhece o sentido de exigência universitária de Kathryn Bishop-Sanchez sabe que ser elogiado por ela é uma dádiva que se guarda como bem precioso. Conhecemo-nos há mais de duas décadas; por casualidade, cruzámo-nos nesta cidade de Évora, pouco depois de nos termos encontrado pela primeira vez nos Estados Unidos; enquanto universitário, tenho tido o benefício do seu apoio, do seu conselho e, quando é caso disso, dos seus reparos certos e às vezes severos.

E
Ç
A
D
E

Q
U
E
I
R
Ó
S



Kathryn Bishop-Sanchez sabe bem que a admiração que neste momento deixo exarada tem tudo de sinceridade e nada de retórica circunstancial.

Para além disto, que já não é pouco, o prémio Vergílio Ferreira envolve um significado institucional e a responsabilidade simbólica que é imposta pelo nome do seu patrono. Há muito que tenho pela Universidade de Évora o apreço que os meus colegas que aqui ensinam podem atestar; tive, além disso, o privilégio de privar com quem agora é a sua reitora, nos tempos ainda não longínquos em que desempenhei semelhantes funções. Vem daí a minha admiração por quem trava, no dia a dia, o duro combate de afirmar e de fazer crescer uma universidade que, parecendo recente, não o é tanto, quando lembramos a sua história. Para todos os efeitos, esta é a segunda universidade mais antiga de Portugal, irmã mais jovem da minha Universidade de Coimbra e escola onde ensinaram ou estudaram vultos da estatura de Luís de Molina, de Francisco Suárez ou de Pedro da Fonseca.

E depois, há o Alentejo que sempre me atraiu e agora mais me encanta, mar de planura, na sua silenciosa extensão de sobreiros, de oliveiras e de searas, com as gentes que o habitam e nele cantam, em aldeias brancas, por noites quentes e estreladas. Muito daquilo que os

contos e os poemas de Manuel da Fonseca retiveram e que nalguma ficção de Vergílio Ferreira também perpassa. Ou seja, um espaço bem mais rico humanamente do que a imagem redutora que Eça de Queirós atribuiu a uma sua personagem, para quem o Alentejo era tão-só um «país de grande riqueza suína!» Por ter sido dita por quem o foi – o conselheiro Acácio, pois claro –, a banalidade não ofende.

Eça de Queirós, de resto, conhecia bem Évora. Por alguns meses, foi aqui que o então jovem escritor viveu; foi também nesse tempo que redigiu e editou todo um jornal, o Distrito de Évora, sem outro apoio que não fosse o seu talento em surgimento e a sua vocação para olhar a realidade e as pessoas que a povoam, com olhar crítico e já então mordaz. Foi justamente à cosmovisão queirosiana que Vergílio Ferreira consagrou as suas primeiras tentativas ensaísticas – e é essa uma das coincidências do meu trajeto académico com o do autor de *Aparição*. O ensaio *Sobre o humorismo de Eça de Queirós*, publicado pela Faculdade de Letras de Coimbra em 1943, fora composto pelo jovem Vergílio Ferreira aos 23 anos, em 1939. Com os mesmos 23 anos e também em torno de Eça, escrevi o que primeiro foi dissertação de licenciatura policopiada e depois livro impresso.

Infelizmente para mim, acabam aqui as coincidências. Se o estudo sobre o autor d’*Os Maias* foi o primeiro

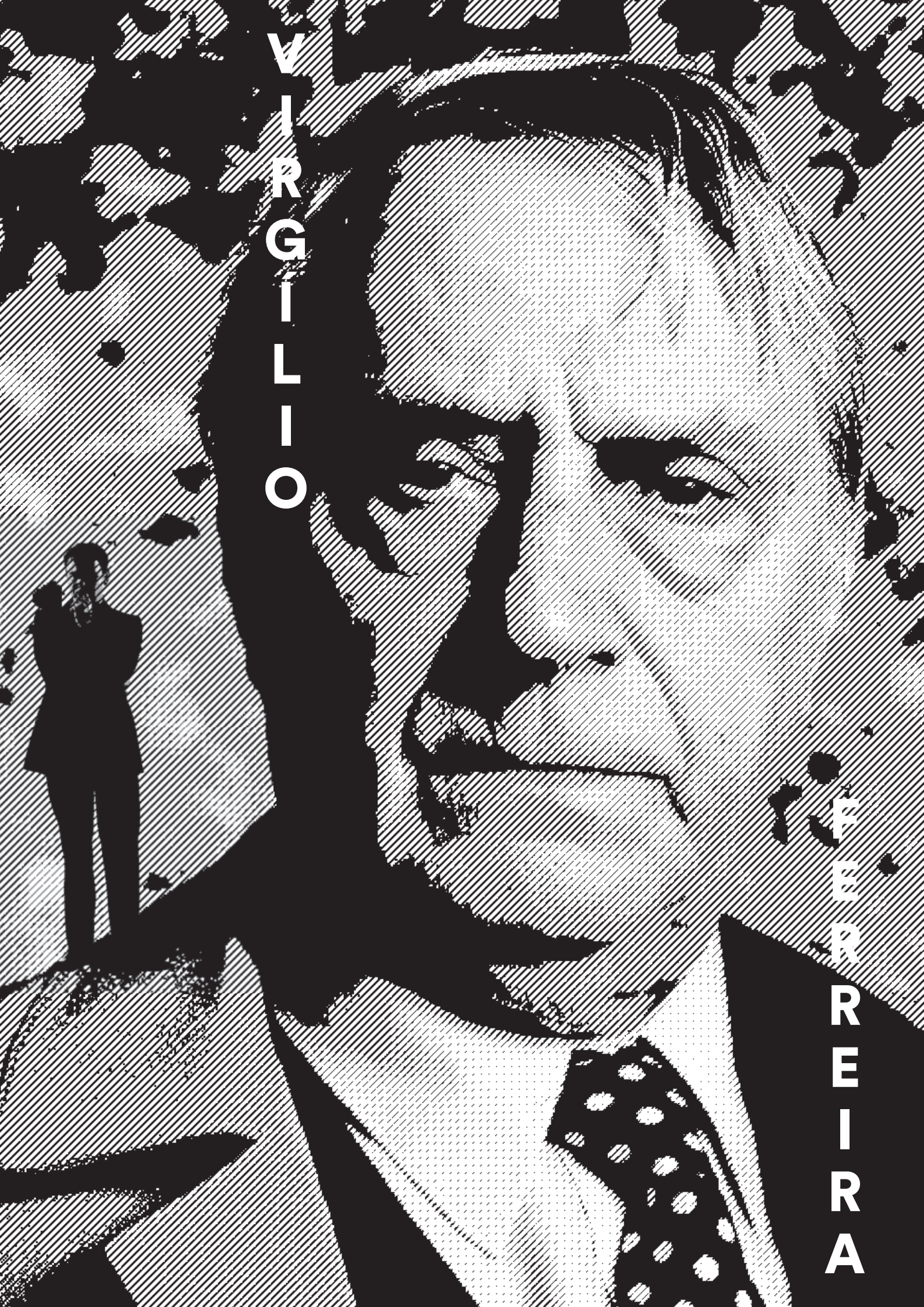
de uma série de ensaios em que Vergílio Ferreira extensivamente exibiu a sua finura exegetica e a sua cultura literária, o tempo de Coimbra foi também aquele em que iniciou o seu trajeto de escritor. Um trajeto continuado quando Vergílio Ferreira ensinou em Évora, neste lugar em que nos encontramos, ao mesmo tempo que ia compondo uma obra das mais densas e consequentes da nossa história literária.

Recordo o que fica dito e o mais que, antes de concluir, acrescentarei não por serem estas coisas desconhecidas, mas porque quem tem o privilégio de estar associado a Vergílio Ferreira, pelo prémio atribuído, deve prestar-lhe homenagem, mesmo que de forma breve. Autor de uma obra que vem do neorrealismo, o escritor que evoco soube, no tempo certo, autonomizar-se. E assim, o caminho que por si mesmo fez cruzou-se com uma reflexão filosófica de timbre fenomenológico e existencialista, no devir de uma obra em constante aggiornamento, conforme notou Eduardo Lourenço: «*De Vagão J até Estrela Polar*», escreveu Lourenço, nenhuma outra obra «guarda tanto a marca [da] passagem através do fogo ideológico como a do autor de *Mudança*».

Assim ficará na nossa memória, julgo que por muito tempo, o patrono deste prémio. Mais: não conheceremos suficientemente a literatura portuguesa da segunda

metade do século XX e, nela, os seus temas, as suas personagens e os seus conflitos mais significativos, se não valorizarmos livros como *Manhã Submersa* e *Aparição*, depois destes e entre outros, *Cântico Final*, *Estrela Polar* e *Alegria Breve*. Até 1996, ano em que morreu, persistiu Vergílio Ferreira numa escrita literária de qualidade notável, incluindo nessa escrita a constante atualização formal do romance. Com as suas obras finais — *Para Sempre*, *Até ao Fim*, *Em Nome da Terra* e *Na Tua Face* — refinam-se alguns dos grandes temas que estruturam a ficção e o pensamento de Vergílio Ferreira: a formação do sujeito, o diálogo com os que o rodeiam, a descoberta do outro, a reflexão sobre a arte, a condição humana e as suas fragilidades, a vivência do tempo, da certeza da morte e da fugacidade da vida.

Termino. O regulamento do Prémio Vergílio Ferreira diz que ele se destina a galardoar «o conjunto da obra literária de um autor de língua portuguesa, relevante no âmbito da narrativa e/ou do ensaio.” Assim foram distinguidas figuras da dimensão de Almeida Faria e de Eduardo Lourenço, de Óscar Lopes e de Vítor Aguiar e Silva, de Agustina Bessa-Luís e de Mia Couto, de Ofélia Paiva Monteiro e de Lídia Jorge. Destes e dos demais que agora não refiro, porque a lista é já longa, tenho sido discípulo e leitor, estudioso atento e de todos admirador,



VIRGILIO

FERRERA

com ressalva de diferenças de gosto e de atitude que com alguns deles possa ter. Porque o ensino, a investigação e o exercício da crítica literária são muitas vezes, se é que não sempre, atos de escolha e práticas de diferenciação que giram em torno do eixo dos valores que nos regem. Como a vida, afinal.

Disso mesmo estou consciente, neste dia em que tão grande honra me é concedida. A todos os que generosamente puseram nas minhas mãos o Prémio Vergílio Ferreira estou agradecido, com aquela gratidão que aos açorianos não falece. É ela que dá as mãos à lucidez com que acolho a distinção, certo como estou de que a vida não termina aqui e de que é preciso seguir em frente, sem detença. Foi isso que aprendi com José Saramago: um pouco antes de saber que seria distinguido com o prémio de todos os prémios, Saramago transmitiu-me uma mensagem de relativização que busca dar às coisas a sua justa dimensão e não outra. E disse: «Os prémios falam a verdade dos prémios, não falam outra.» Assim é. Por isso, a todos agradeço por terem inscrito na minha vida a lição do escritor.

Um incrível percurso

Kathryn Bishop-Sanchez

Antes de mais nada, queria agradecer ao Doutor António Sáez Delgado o facto de me ter convidado para estar aqui hoje a apresentar os méritos do premiado, Doutor Carlos Reis, tarefa que encarei com o maior prazer e também deslumbramento. Carlos Reis tem trabalhado incansavelmente ao longo de uma frutífera carreira de mais de 45 anos e que continuará, assim o esperamos, por muitos mais. Vejo esta cerimónia como um momento de grande alegria e também de reflexão. Momento para pensarmos coletivamente com gratidão e admiração nos inúmeros contributos do Doutor Carlos Reis ao conhecimento académico e também como ensaísta, administrador, figura pública respeitada, e colaborador em muitas iniciativas, dentro e fora da universidade.

Muitos são os seus atributos, justificando a atribuição do Prémio Vergílio Ferreira que aqui celebramos: A totalidade da sua obra publicada—cerca de 50 livros dos quais 20 são monografias de sua autoria única—, a sua visibilidade nacional e internacional, a sua eficiente e dinâmica liderança de grupos de investigação, a coordenação da *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós* e da *História Crítica da Literatura Portuguesa*, a sua dedicação como professor, mentor e orientador de um número considerável de teses, o seu empenhamento

em árduas funções administrativas, a sua participação em numerosos júris, o seu trabalho como editor de várias revistas académicas, e *last but not least*, a sua generosidade como colega.

No outono de 1968, um jovem açoriano deixou o seu lar na Fortaleza de São João Baptista em Angra do Heroísmo rumo ao continente. Comprometendo um brilhante futuro como locutor de rádio na ilha e uma promissora carreira de guarda-redes, o aranha negra do Sport Club Lusitânia optou pela Universidade de Coimbra para estudar Filologia Românica. Mal poderia ele imaginar que o seu nome nas letras e humanidades se tornaria uma sinédoque da Universidade de Coimbra, em Portugal e também fora, principalmente no Brasil, na Espanha e nos Estados Unidos. Deste percurso sublinharei algumas facetas, sabendo bem que, para não abusar do tempo que me foi designado, omito muitas outras.

Carlos Reis tem-se dedicado, com assiduidade e paixão, ao ensino e à investigação da teoria da literatura e da literatura portuguesa, maiormente dos séculos dezanove e vinte. Da sua vasta obra científica destaco, em primeiro lugar, a sua dedicação à obra de Eça de Queirós. Considerado por muitos o maior estudioso de Eça de Queirós desde Ernesto Guerra da Cal—que ele considera com grande admiração e afeto o seu mestre – Carlos Reis conhece a fundo a obra queirosiana. Com uma

memória invejável, consegue localizar citações exatas, citar frases chave sem sequer abrir o livro, aplicando-as a circunstâncias quotidianas, muitas vezes com humor e outras com ironia e acidez. Evidentemente, o seu domínio da obra de Eça de Queirós vai muito além da estética do pormenor, sabendo interpretá-la com perspicácia no seu conjunto, no seu tempo e em relação às correntes estilísticas e temáticas dos seus contemporâneos, em Portugal, mas também além-fronteiras. O primeiro livro do Doutor Carlos Reis foi a sua tese de licenciatura, *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*, publicado em 1975, um ano depois de terminar a licenciatura, iniciando uma relação duradoura com a Editora Almedina, que continua até hoje. A sua contagiosa paixão pela obra queirosiana transparece nas suas aulas e conferências, junto com uma boa dose de charme, carisma e sensibilidade que lhe são característicos. Além disso tudo, com muito humor Carlos Reis consegue imitar muitíssimo bem o estilo queirosiano: recomendo para quem não as conheça as novas cartas fictícias de Carlos Fradique Mendes.

Foi o atrás referido Guerra da Cal que teve justíssima clarividência quando, há muitas décadas, indicou Carlos Reis para coordenar a edição crítica das obras de Eça de Queirós; e esta visão não poderia ter sido mais acertada com Carlos Reis à frente deste enorme empreendimento

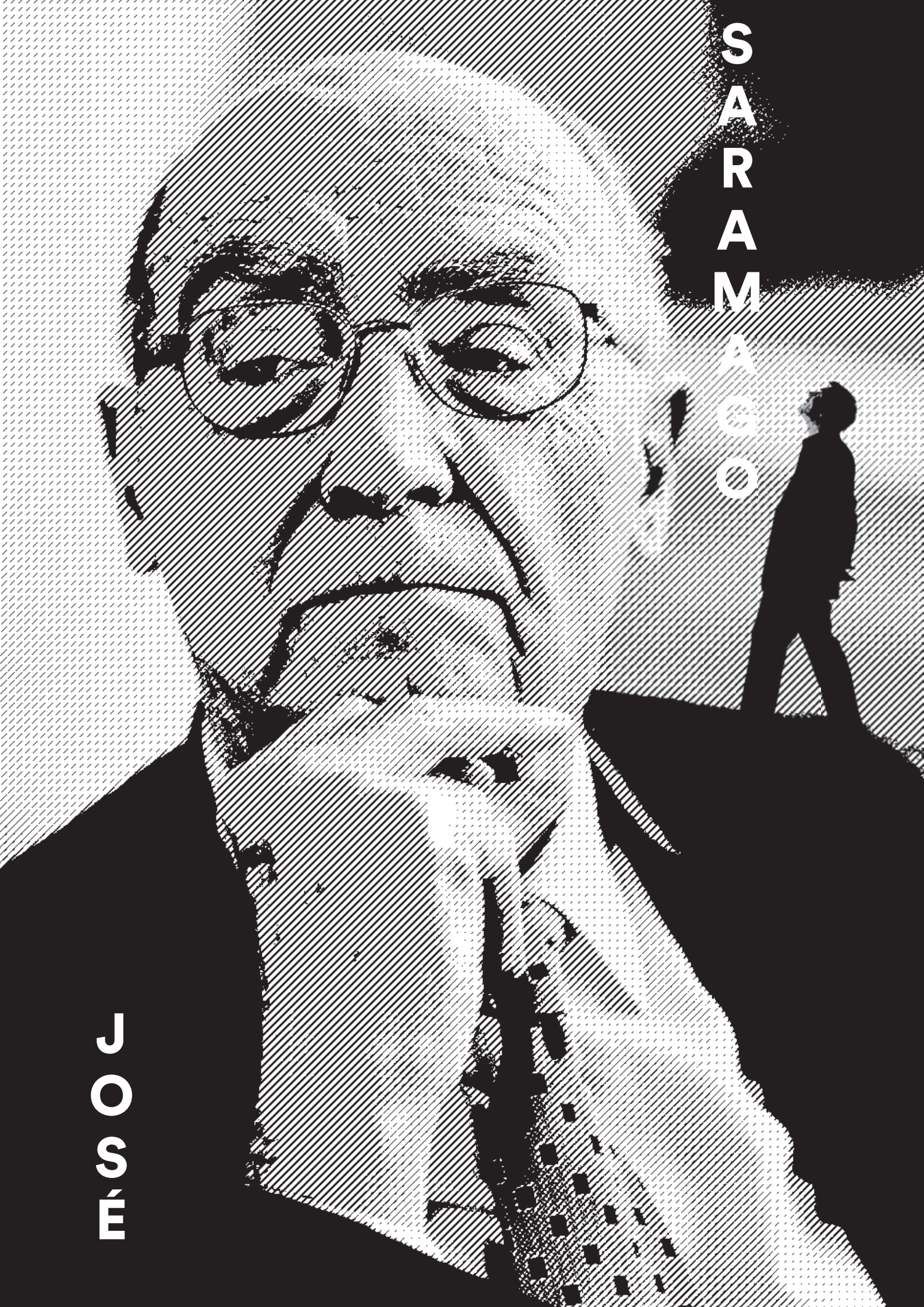
do qual até hoje se publicaram 17 dos 24 volumes previstos, com três atualmente no prelo.

Destaco também o trabalho de Carlos Reis sobre a obra de José Saramago: publicou vários ensaios incontornáveis para quem estuda a obra saramaguiana, e um conjunto de diálogos com José Saramago, seu grande amigo, e que constituem hoje uma obra de referência, tendo-se tornado ainda mais valiosos após a morte do saudoso escritor cuja memória literária Carlos Reis continua a vitalizar. Ainda nos estudos literários, e numa área mais próxima do patrono do presente prémio, a pesquisa do Doutor Carlos Reis tem incidido no Neorrealismo, com uma tese de doutoramento que se tornou uma publicação de 700 páginas, e um volume da *História Crítica da Literatura Portuguesa* sobre o Neorrealismo de sua autoria.

Estudioso infatigável, Carlos Reis marcou e continua a marcar presença no domínio transdisciplinar da teoria da literatura e da narratologia. Em 1987, publicou um dos primeiros dicionários de narratologia. Isto é: não apenas em Portugal ou na Europa, mas um dos primeiros dicionários da narratologia *tout court*, em parceria com Ana Cristina Macário Lopes, uma valiosa obra de referência durante décadas que teve nada menos que sete edições, além de várias reimpressões e sucessivas versões brasileiras e espanholas. Porém, teorizador sempre

S
A
R
A
M
A
G
O

J
O
S
È



atualizado, perfeccionista e ambicioso na melhor aceção do termo, chegou o momento em que, para Carlos Reis, esse dicionário precisaria de uma revisão mais profunda. E assim, agora à sós, assumiu esse árduo empreendimento, reescrevendo, atualizando, incorporando novos verbetes e excluindo outros para dar a lume, em 2018, um novo dicionário, então rebatizado de *Dicionário de Estudos Narrativos*.

A obra científica do Doutor Carlos Reis, na sua diversidade e amplitude, apresenta, a meu ver, uma apreciável coerência interna. Dos vários fios condutores que percorrem a sua obra, vejo como força matriz uma curiosidade insaciável para estudar o conceito de narrativa; o que podemos designar de forma resumida em “A narrativa do mundo ou o mundo como narrativa”, tema de um dos seus recentes ensaios. Para este estudioso, as personagens são a essência da narrativa, e ele tem um interesse particular na sobrevida da personagem, isto é, como ela circula de um medium para outro, de livro para filme ou vice-versa, e outras reencarnações.

De facto este fascínio pela narrativa inclui um grande interesse pela narrativa fílmica, o que, no quadro do ensino, o levou a lecionar a disciplina de Estudos Narrativos Mediáticos na Universidade de Coimbra. Assim, com o ensino e a investigação indo sempre de mãos dadas, escreveu ensaios e deu conferências sobre

personagens fílmicas. Para ele, o grande cinema é o cinema americano, com uma atenção particular aos filmes de Woody Allen e à figura de James Bond.

Das muitas qualidades de Carlos Reis como colega, investigador e administrador, devo sublinhar o seu talento de líder. Carlos Reis é líder nato. Foi diretor da Biblioteca Nacional por quatro anos e meio e a sua liderança foi essencial para orquestrar a entrada da instituição no século XXI e nas plataformas digitais, incluindo a digitalização de livros e manuscritos. Carlos Reis sempre tem sabido seguir os avanços tecnológicos: hoje mantém dois blogues e uma presença profissional contínua nas redes sociais. Foi também reitor da Universidade Aberta durante 5 anos, outra carga de grande responsabilidade, onde de novo soube trabalhar em equipe, rodeando-se de pessoas de confiança e sabendo dar e, talvez até mais importante, receber conselhos. No âmbito do Centro de Literatura Portuguesa, o centro de investigação que ele coordena na Universidade de Coimbra, a sua liderança revitalizou as atividades do centro. Dinamiza o grupo de investigação, Figuras da Ficção, organizando reuniões de trabalho fechadas e congressos de maior abrangência, onde a participação de alunos de pós-graduação é bem-vinda a todos os níveis, estando Carlos Reis sempre atento à formação profissional de gerações futuras. Além das

reuniões científicas, o projeto de Figuras da Ficção teve já desfechos concretos: até hoje dois livros e o *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa* em livre acesso digital.

Outro aspeto da carreira de Carlos Reis que muito admiro é o facto de ele não se confinar ao ensino universitário. No ensino público, Carlos Reis esteve envolvido nas revisões dos programas de português: como coordenador, no Ensino Básico, e como consultor, no Ensino Secundário. E assim, com a sua liderança e participação, revalorizou-se a presença da literatura e dos gêneros literários no ensino público. Carlos Reis acaba de publicar o nono e último volume de uma série de textos didáticos para o ensino secundário, livros muito úteis para os professores na preparação das aulas de literatura. Mas além disso, tem-se esforçado por incluir professores e alunos do ensino secundário, quando possível, nas iniciativas que organiza, como aconteceu no «Congresso Internacional José Saramago: 20 anos com o Prémio Nobel», em 2018, em que a participação de alunos da Escola Profissional da Guarda foi muito comovente.

Para terminar, gostaria de voltar à relação do Doutor Carlos Reis com o patrono deste prémio, Vergílio Ferreira. Existe, bem escondida no repositório digital da Universidade Aberta, uma série de entrevistas que Carlos Reis fez a vários escritores no fim dos anos 80, intituladas *Imagens da ficção portuguesa contemporânea*. Com

aquele talento de locutor de rádio que lhe ficou da sua adolescência e com a sua atração pela narrativa fílmica, estas gravações constituem hoje interessantíssimos documentos históricos a vários níveis, com montagens, música, intertextualidade, efeitos especiais e *voz-off* do próprio Carlos Reis, que fariam inveja a Jean-Luc Godard. E digo de passagem, se para Carlos Reis o único grande cinema não fosse o cinema americano, talvez tivesse tido uma riquíssima carreira alternativa como cineasta português. No âmbito daquele projeto, um jovem Carlos Reis com uma magnífica pera, entrevista Vergílio Ferreira e faz-lhe a seguinte pergunta: «Entre o seu primeiro romance, *O Caminho fica longe*, de 1943, e o último em data, *Para Sempre*, 1983, o que permaneceu em si deste tempo e o que mudou, ou então, para citar *Para Sempre*: "Partes carregadas de coisas, elas vão-se perdendo pelo caminho..."» Poderíamos fazer uma pergunta semelhante ao premiado de hoje: entre *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós* de 1975, e a publicação do *Dicionário dos Estudos Narrativos* em 2018, o que permaneceu em si desse tempo e o que mudou? Quando se pensa numa carreira tão prolífica, difícil é pensar que algumas coisas foram-se perdendo pelo caminho, mas muitas lições poderíamos todos nós aprender desse incrível percurso.

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

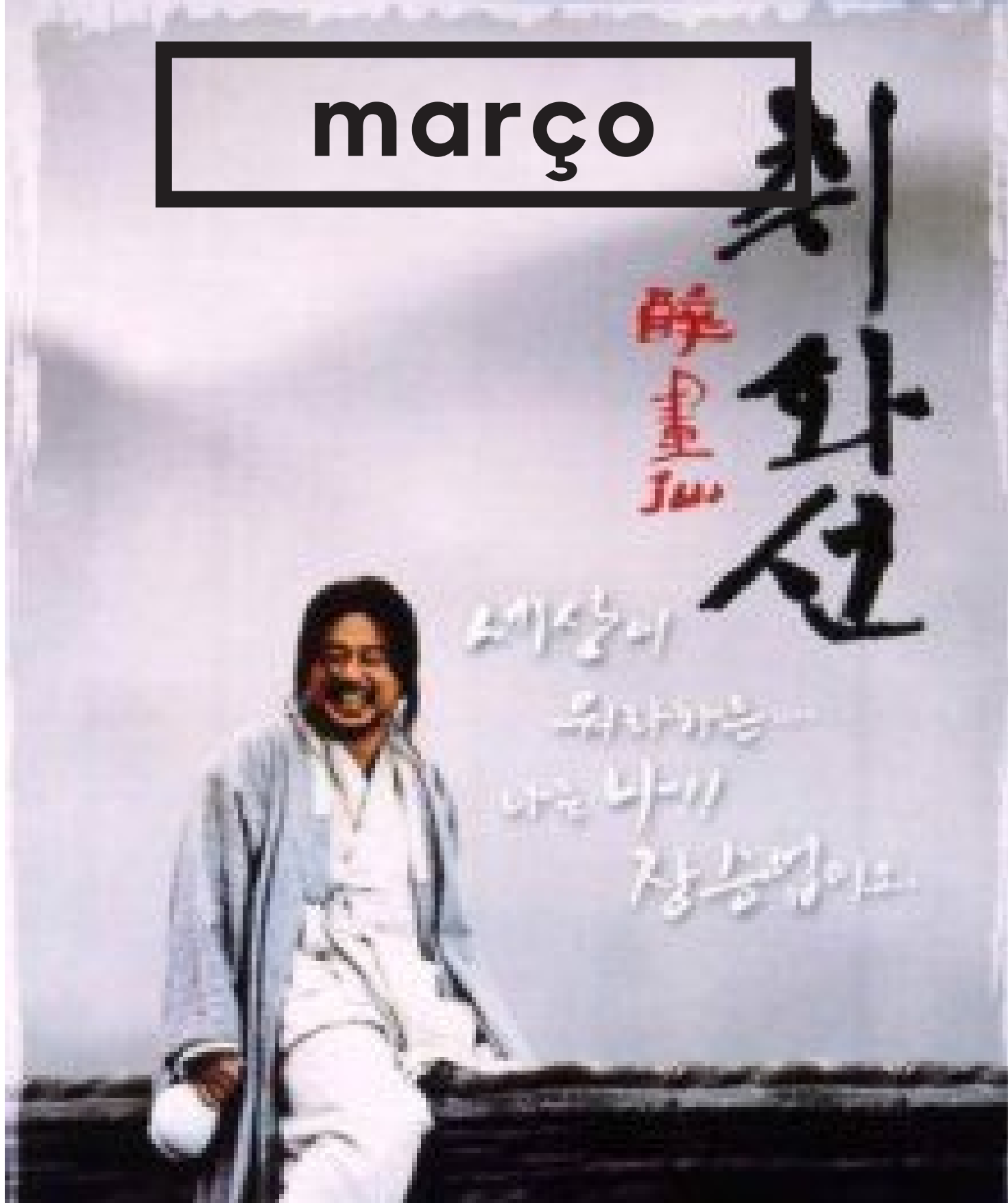
A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



março



«EMBRIAGADO DE MULHERES E DE PINTURA» DE IM KWON-TAEK

Quarentena Cinéfila

A Medeia Filmes disponibiliza, três vezes por semana, alguns filmes seleccionados do seu catálogo que podem ser vistos gratuitamente na internet. 3ª, 5ª, Sábados. ►

Desenhos e impressões **do British Museum**

Entre os muitos museus do mundo a disponibilizar parte da sua colecção on-line, está o British Museum. Em destaque, neste momento, uma selecção muito generosa de desenhos e impressões para ver no ecrã. ►

«A DAWN, 1914» DE CRW NEVINSON





Melbourne ***Symphony*** ***Orchestra***

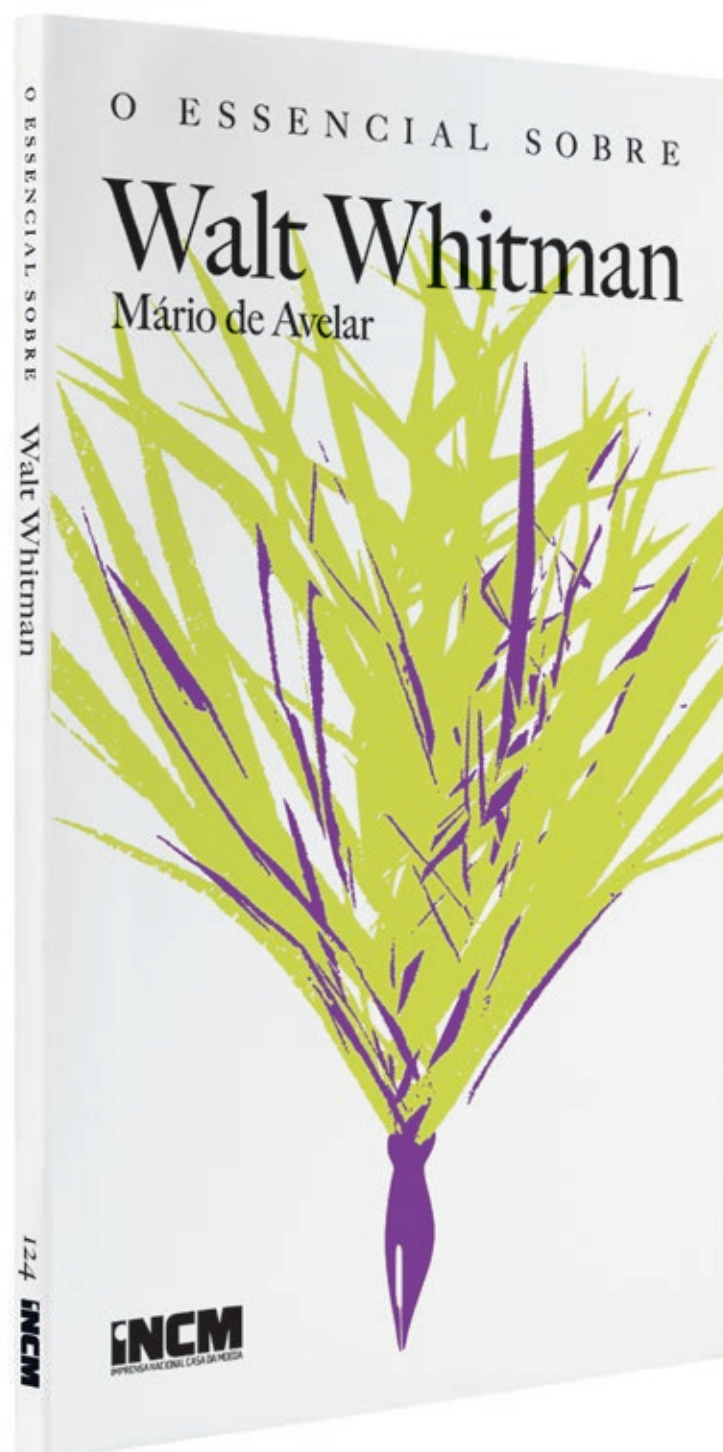
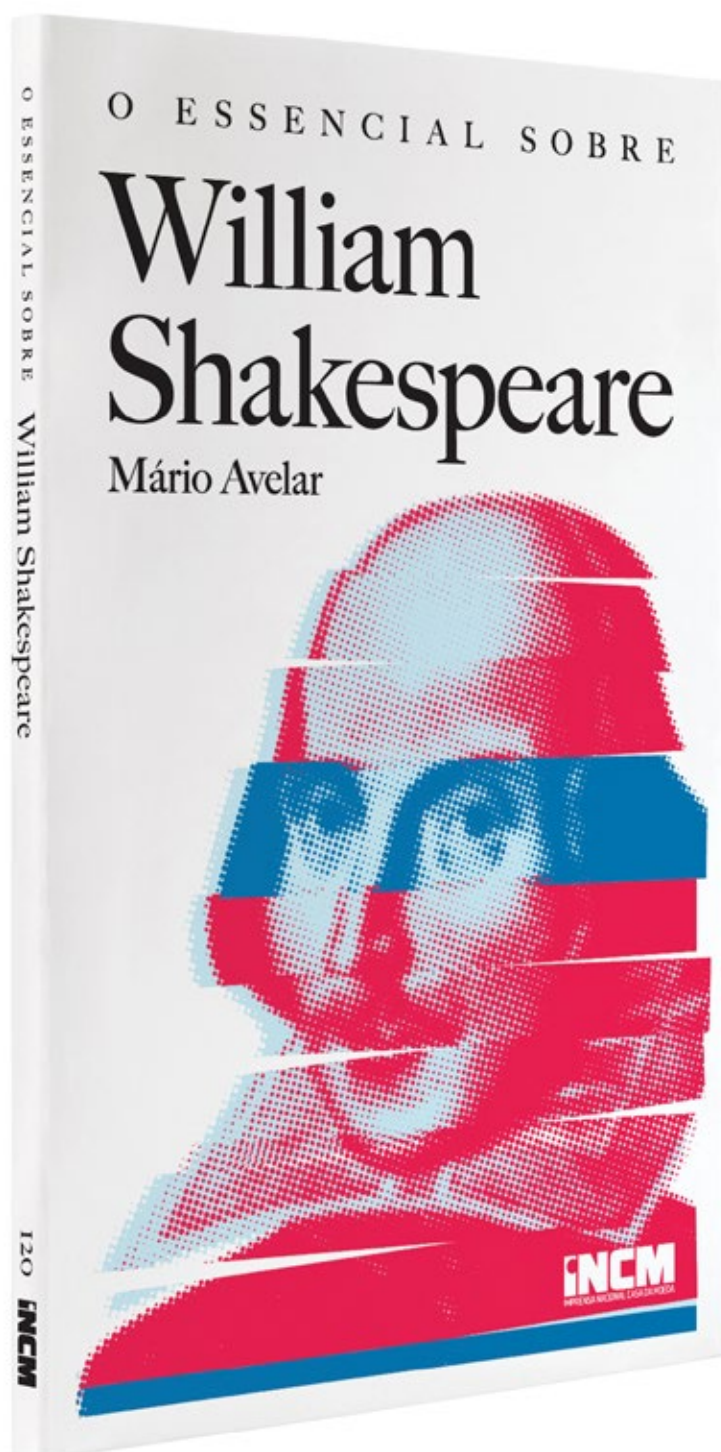
Várias orquestras, grupos de câmara e outros intérpretes de música erudita disponibilizaram os seus concertos em diferentes canais da internet. A Melbourne Symphony Orchestra, por exemplo, tem um canal de YouTube com várias performances gravadas durante o ano passado, entre elas as interpretações da 7.^a Sinfonia de Beethoven ou um concerto dedicado à obra de Schumann e conduzido pelo maestro Nicholas Bochner. ▶

Leonard Cohen, 1988

Um dos muitos concertos disponíveis on-line é o que Leonard Cohen deu em Espanha, em 1988, aquando da digressão Dance Me To the End of Love. ▶

LEONARD E MARIANNE IHLEN





Livros Para a Quarentena

A Imprensa Nacional Casa da Moeda disponibilizou vários títulos da sua colecção O Essencial Sobre... para descarga gratuita a partir do site da editora. ►

***A Literatura** Continua*

A Fundação José Saramago lançou um apelo aos seus amigos, entre escritores, leitores, músicos, artistas, para que gravassem um vídeo lendo um excerto de uma obra de que gostassem. O resultado pode ser acompanhado na página de Facebook respectiva. ►

FERNANDO CASACA CONTA «O LAGARTO»



apenas assomara à porta da cozinha e de lá ouvira o que elas diziam na varanda, os risos, o ruído da chuva e das chapadas de água, respirara o cheiro do sabão, depois voltara para o seu sofá, a pensar que ainda existia vida no mundo, a perguntar se ainda haveria alguma parte dela para si.

Ensaio sobre a Cegueira